



ESTAÇÕES  
MUSICAS  
LEOPOLDINA



OBSERVATÓRIO  
DE FAVELAS

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura apresentam:  
E-book Estações Musicais da Leopoldina

Copyright© 2016 - Observatório de Favelas  
Edição ampliada e revisada - 2018

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA  
Agência Abacateiro - Eduardo Vilar

REVISÃO  
Jorge Luiz Barbosa  
Monique Bezerra da Silva

---

## 1. Estações Musicais da Leopoldina

Estações Musicais da Leopoldina / organizadores: Jorge Luiz Barbosa e Monique Bezerra da Silva - Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2018

67p. ; il. (color) ;

Prefixo Editorial: 93412  
Número ISBN: 978-85-93412-07-3  
Título: Estações musicais Leopoldina  
Tipo de Suporte: E-book  
Formato Ebook: PDF

---



Patrocínio:



Apoio:

agência  
**ABACATEIRO**

Todos os direitos desta edição reservados ao Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

Rua Teixeira Ribeiro, 535  
Parque Maré - Maré  
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-251

[www.observatoriodefavelas.org.br](http://www.observatoriodefavelas.org.br)  
[contato@observatoriodefavelas.org.br](mailto:contato@observatoriodefavelas.org.br)



JORGE LUIZ BARBOSA  
MONIQUE BEZERRA DA SILVA

---

ORGANIZADORES



RIO DE JANEIRO 2018

# SUMÁRIO

---

---

APRESENTAÇÃO 7

Jorge Barbosa e Monique Bezerra da Silva

---

CAPÍTULO 1 :: ESTAÇÕES MUSICAIS DA LEOPOLDINA:  
O SUBÚRBIO COMO POTÊNCIA ESTÉTICA DA CIDADE 9

Jorge Barbosa

---

CAPÍTULO 2 :: LEOPOLDINA:  
ROUPA DE VESTIR EM QUALQUER ESTAÇÃO -  
COMPOSIÇÕES, ENREDOS E RETRATOS. 17

Diogo Cunha e Ana Tereza Andrade

---

CAPÍTULO 3 :: ESTAÇÕES DA LEOPOLDINA:  
A PAISAGEM MUSICAL DE UM SUBÚRBIO CARIOCA 37

Jorge Barbosa e Alex Armenio

---

FICHA TÉCNICA 49

---

COMPLEMENTOS 50  
MAPAS - FOTOGRAFIAS

---



À MEMÓRIA DO QUERIDO AMIGO NELSON DA NOBREGA  
FERNANDES, GEÓGRAFO DOS SUBÚRBIOS CARIOCAS

---

# APRESENTAÇÃO

---

A produção musical dos subúrbios possui uma imensa tradição na cena cultural carioca. Revisitar e atualizar esta produção para torná-la uma memória social da cidade definiu o escopo do Projeto Estações Musicais da Leopoldina, desenvolvido pelo Observatório de Favelas em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, por meio do Edital do Programa de Fomento à Cultura Carioca, na linha realização de projetos de música. Abordamos as cenas estéticas da produção musical popular de bairros que, no passado recente, compunham o chamado subúrbio da Leopoldina, em suas tradições, assim como de sua produção recente, notadamente das atuais gerações de compositores e músicos. Buscou-se, portanto, mobilizar memórias de reconhecimento a partir de encontros entre passado e o presente, celebrados na paisagem musical da Leopoldina.

Cinemas e teatros, sociedades literárias e clubes de futebol, restaurantes e cafés fizeram seus registros na paisagem, comprovando a diversidade cultural dos bairros dos subúrbios cariocas. A riqueza cultural desses espaços urbanos também pode ser identificada na música popular, sobretudo ao ganhar sua grandeza em diferentes gêneros e estilos: sambas, maxixes, choros e marchas que fundaram tradições e, posteriormente enriquecidas com o baião e xotes, ritmos trazidos pela migração nordestina.

Escolas de samba, blocos de carnaval, bares e coretos foram os abrigos das sonoridades estéticas do subúrbio, configurando espaços de produção e fruição de registro marcadamente populares. Toda esta imensa geografia musical mereceu o empenho da construção de inventários em acervos fonográficos e iconográficos de Bibliotecas, Museus e Instituições de Pesquisa, assim como das descobertas de cenas e espaços estéticos da produção presente na Leopoldina, por meio da pesquisa qualitativa (entrevistas estruturadas) com artistas individuais, bandas e grupos.

Para além da produção de um amplo inventário da cena musical do Subúrbio da Leopoldina, o projeto também elaborou a construção de um mapa de estações musicais como dispositivo de registros para audição e pesquisa (plataforma digital em site específico e em aplicativos para celulares) e realização de performances públicas em bares, estações ferroviárias, praças e na Arena Carioca Dicro (localizada na Penha Circular), mobilizando diferentes artistas individuais, grupos e bandas com o propósito de criar celebrações compartilhadas de gêneros e estilos musicais.

O presente e-book traz a geografia sensível da criação musical do Subúrbio da Leopoldina, elaborada no âmbito projeto Estações Musicais. Esperamos que esta publicação seja uma contribuição à memória das tradições musicais populares do subúrbio carioca e, sobretudo, para o reconhecimento da riqueza de sua paisagem musical de ontem e de hoje.

**Jorge Luiz Barbosa**  
**Monique Bezerra da Silva**





# ESTAÇÕES MUSICAIS DA LEOPOLDINA: O SUBÚRBIO COMO POTÊNCIA ESTÉTICA DA CIDADE

**Jorge Luiz Barbosa**

Diretor do Observatório de Favelas. Docente do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.

## OS SUBÚRBIOS CARIOCAS DIANTE DOS ESTEREÓTIPOS DO ATRASO E DO DISTANTE



Assim como as favelas e as periferias urbanas, os subúrbios foram sempre marcados por estereótipos. Talvez o mais forte e frequente seja sua suposta condição geográfica de bairros que nascem como distantes e incompletos em relação ao centro econômico, político e cultural da cidade. Os subúrbios seriam, naquela perspectiva, apêndices das grandes cidades e, portanto, significando uma experiência urbana aquém da própria cidade.

A ferrovia, a fábrica e a morada operária são sempre consideradas como as marcações identitárias mais fiéis da origem dos subúrbios na cidade do Rio de Janeiro. Isto seria o suficiente para colocar seus bairros em um patamar inferior a *urbi* da qual se originam, uma vez que estes não a completam, sendo apenas funcionais em termos de atividades econômicas e abrigo para grupos sociais populares. Os subúrbios por sua morfologia espacial e seu perfil social “identitários” passaram também a ser tratados em universo de definições ambíguas como lugar de *gente trabalhadora e humilde; bairros proletários excluídos da cidade; locais distantes da cultura e dos bons costumes da civilidade*.

O geógrafo Nelson da Nóbrega Fernandes<sup>1</sup> oferece, em seu belo painel sobre a origem e a consolidação dos subúrbios cariocas, dimensões mais amplas e sensivelmente generosas sobre esses espaços constituintes da cidade do Rio de Janeiro. Para autor, os subúrbios cariocas ganharam definições muito distintas dos subúrbios das cidades europeias e norte-americanas. Enquanto na primeira conotação de subúrbio se origina dos espaços do entorno das cidades, geralmente desprovidos de uma ocupação contínua e com a sobrevivência de fisionomias rurais, portanto sendo compostos de “vazios” que denotam limites à civilidade urbana; a segunda, a norte-americana, o subúrbio

---

<sup>1</sup> O rapto ideológico do subúrbio – Rio de Janeiro 1958/1945. Editora Apicuri / FAPERJ. Rio de Janeiro, 2011

é reconhecido e tratado como uma expansão da fronteira urbana para a habitação e o consumo de classes médias, incluindo aí as autoestradas como mediação fundamental na sua composição geográfica. Nessa distinção evidente de definições houve na cidade do Rio de Janeiro, segundo Fernandes (op. cit.), um *rapto ideológico* da categoria subúrbio. O referido autor identifica nas obras de diferentes intelectuais, e em matérias de jornalistas, a construção, em mais de um século contado, de uma visão hegemônica dos subúrbios como espaços limitados à moradia e ao trabalho de classes populares, e assim configurando a sua geografia particular, sobretudo ao ganhar a condição de bairros desprovidos de uma vida urbana qualificada pela educação, pela cultura e pela arte.

Todavia, como informa Nelson da Nóbrega Fernandes, a geografia dos subúrbios era mais complexa do que afirmavam os conceitos acadêmicos que se traduziram em senso comum. Os subúrbios populares e ferroviários da cidade do Rio de Janeiro abrigavam outros grupos sociais e outras morfologias desde sua fundação nas últimas décadas do século XIX. Afinal, as paragens suburbanas eram moradas de operários das indústrias ali localizadas, é verdade, mas não podemos esquecer o florescimento do comércio e dos serviços, além das possibilidades de aquisição de terrenos e moradias, que sempre atraíram comerciantes, funcionários públicos e militares. É esclarecedora uma matéria da Revista da Semana, datada de 1909, que descrevia o bairro do Riachuelo comparando-o aos bairros do Engenho Novo e de Todos os Santos, *calmo e sossegado pelo silêncio de suas ruas, onde se ostentam luxuosas construções, todas cercadas de parques soberbos e pitorescos jardins (...)*. Estamos diante de uma ocupação urbana contínua e rapidamente adensada de bairros, inclusive com a forte impulsão das linhas de bonde para além das ferrovias; vias e meios com ligações com os bairros do próprio subúrbio e os bairros centrais da cidade, tais como os ônibus o fazem na atualidade. Os subúrbios não eram povoações vizinhas ou de um entorno distante da cidade, era a própria cidade em seu movimento territorial de expansão.

Assim, não é possível afirmar que o subúrbio carioca estava às margens da cidade ou representavam espaços vazios à espera da civilização. Mesmo porque os bairros dos subúrbios e os bairros do que hoje denominamos Zona Sul nasceram juntos, se constituíram quase que concomitantemente como fronteiras urbanas em expansão acelerada nas primeiras três décadas do século XX, embora com conotações simbólicas muito distintas:

*A divisão entre segmentos, setores e zonas da cidade (onde a rigor os códigos só sacramentam situações definidas “a priori”) acontece no espaço; mas seria ingênuo tomar aí o concreto pelo concreto e esquecer o papel significativo como representação ideológica. Basta pensar que sempre funcionaram as associações do tipo: bonde/ Zona Sul/estilo de vida moderno; bonde/Zona Norte/afirmação de uma classe média tradicionalista; Centro da cidade/aglomeração/convergência; trem/subúrbio/pobreza.*

(SANTOS, 1977, p.23)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> SANTOS, Carlo Nelson Ferreira. Transportes de Massa – Condicionadores ou condicionados? Revista de Administração Municipal, set/out. Rio de Janeiro. 1977.

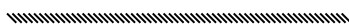
Tais distinções simbólicas construíram aprioristicamente uma linha divisória na cidade entre espaços de culturas de excelência, onde vigorava o bom gosto e o belo das artes; e os espaços de culturas populares, entregues à rusticidade, ao folclore e ao improviso. Esta visão pretensamente homogeneizadora dos subúrbios os negavam como espacialidades de produção e fruição cultural, não só de tradições estéticas populares (festas religiosas, blocos de carnaval, escolas de samba), mas também daquelas consideradas chiques, como os teatros, livrarias e cafés literários, assim como as modernas, a exemplo dos cinemas. Pode se afirmar, então, que os bairros suburbanos sempre foram muito mais complexos em termos sociais, culturais e geográficos. Não há menor justificativa plausível para conjunto de leituras e interpretações que colocam o subúrbio carioca em posição de aquém ou à margem da cidade civilizada

Todavia, persistem até hoje as leituras redutoras dos subúrbios como espaços ainda destituídos de civilidade e cultura da cidade e, com o advento da expansão das favelas na maioria dos seus bairros, emergiu o estigma perverso que os classificam como “áreas violentas” ou “territórios dominados pela criminalidade”. Estamos diante de uma disputa de imaginário sobre o sentido do subúrbio na cidade que, como vimos, atravessa diferentes períodos da urbanização, assim como envolve diferentes significações socioculturais.

### O SUBÚRBIO DE RAMOS, ANOS 1950.



## A CRIAÇÃO MUSICAL DO SUBÚRBIO EM SEUS HORIZONTES DE SENTIDO



As narrativas estéticas também mergulharam no universo do subúrbio reforçando imaginários já dados, ou fazendo emergir imagens distintas das consolidadas. Romances e novelas. Contos e poesias. Fotografias e pinturas. Todas essas expressões estéticas contribuíram com a criação de narrativas sensíveis do subúrbio carioca e com elas, outros horizontes de sentido foram sendo igualmente construídos, amalgamados e, muitas vezes, tensionados em suas significações.

Lima Barreto, um dos maiores escritores brasileiros, retratou os subúrbios de sua época em Clara dos Anjos, ou mesmo em outros contos, como os reunidos no livro editado sob o título Feiras e Mafuás. Para ele,

*Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Caxambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até às [sic] dez horas da manhã e há toda uma população da cidade, de certo ponto, no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis*

(BARRETO, Clara dos Anjos, 1956, p. 118)

Solano Trindade (1908 – 1974), poeta de militância política explícita, nos legou uma das mais fortes imagens críticas das condições sociais vividas no subúrbio:

Trem sujo da Leopoldina  
correndo correndo  
parece dizer  
tem gente com fome  
tem gente com fome  
tem gente com fome  
Piiiiii  
Estação de Caxias  
de novo a dizer  
de novo a correr

tem gente com fome  
tem gente com fome  
tem gente com fome  
Vigário Geral  
Lucas  
Cordovil  
Brás de Pina  
Penha Circular  
Estação da Penha  
Olaria  
Ramos  
Bom Sucesso  
Carlos Chagas  
Triagem, Mauá  
trem sujo da Leopoldina  
correndo correndo  
parece dizer  
tem gente com fome  
tem gente com fome  
tem gente com fome  
Tantas caras tristes  
querendo chegar  
em algum destino  
em algum lugar  
Trem sujo da Leopoldina  
correndo correndo  
parece dizer  
tem gente com fome  
tem gente com fome  
tem gente com fome  
Só nas estações  
quando vai parando  
lentamente começa a dizer  
se tem gente com fome  
dá de comer  
se tem gente com fome  
dá de comer  
se tem gente com fome  
dá de comer  
Mas o freio de ar

todo autoritário  
manda o trem calar  
Psiuuuuuuuuuuuuuu

Solano Trindade (Tem Gente com Fome).

Os legados múltiplos de narrativas estéticas sobre os subúrbios reclamam a referência especial ao cancionero popular. É isso mesmo! A música é por excelência o artefato estético que criou permanentemente representações da geografia das paixões, dos dramas, dos conflitos e das alegrias da vida dos subúrbios cariocas. Representações estas que, evidentemente, não se deram sem ambiguidades, contradições e utopias que emolduram as múltiplas existências presentes nos bairros do subúrbio.

É assim que em *Gente Humilde* composta por Chico Buarque e Vinícius de Moraes em 1970, a partir de uma canção ainda incompleta de Garoto (Paulo Aníbal Sardinha) falecido em 1955, oferece uma leitura romântica e embebida de melancolia sobre o sentido dos subúrbios:

Têm certos dias em que eu penso em minha gente  
E sinto assim todo o meu peito se apertar  
Porque parece que acontece de repente  
Como um desejo de eu viver sem me notar  
Igual a como quando eu passo no subúrbio  
Eu muito bem, vindo de trem de algum lugar  
E aí me dá como uma inveja dessa gente  
Que vai em frente sem nem ter com quem contar  
São casas simples com cadeiras na calçada  
E na fachada escrito em cima que é um lar  
Pela varanda, flores tristes e baldias  
Como a alegria que não tem onde encostar (...)

Na contracorrente da melancolia encostada nas varandas das casas suburbanas virá louvação da alegria do Baião da Penha, gravada com a força nordestina da voz e a sonoridade mágica da sanfona de Luiz Gonzaga;

*Demonstrando a minha fé  
Vou subir a Penha a pé  
Pra fazer uma oração  
Vou pedir a padroeira  
Numa prece verdadeira  
Que proteja o meu baião*

De autoria de Guio de Moraes e David Nasser, o Baião da Penha também remete a uma das festas mais populares da cidade do Rio de Janeiro: a Festa de Nossa Senhora da Penha. Realizada no bairro da Penha, mais especificamente nas áreas do entorno do morro que abriga a Igreja de Nossa Senhora, a Festa era um dos maiores acontecimentos

## FESTA DA IGREJA DA PENHA, 1940.



Fonte: <http://www.rioquepassou.com.br/2010>.

do subúrbio e da cidade.

A pluralidade das narrativas expressa o universo do subúrbio em contraponto às estereotípias que desvalorizam a sua contribuição artística e cultural para cidade como um todo. São encantos e desencantos a ganhar múltiplas expressividades simbólicas e corpóreas no cotidiano dos subúrbios cariocas. A música foi, e ainda é, por excelência, mobilizadora de imaginários que testemunham a criação diversa e plural de estilos, de territórios e de sujeitos sociais estéticos.

O Projeto Estações Musicais buscou, então, traduzir as potências criativas do subúrbio carioca, tendo como referência o recorte geográfico dos bairros que se consolidaram no em entorno do ramal da via férrea da Leopoldina. São experiências estéticas que atravessam o cotidiano de seus moradores em praças, esquinas e estacionamentos nas cercanias das estações ferroviárias, assim como em clubes, escolas de samba e blocos de carnaval. Aqui, a cultura territorialmente situada possui não só a expressão da complexidade do movimento da produção cultural urbana contemporânea, mas também o atualiza, por meio das reverberações múltiplas da inventividade da sua cena musical.

A produção estética musical em destaque foi tomada como a fonte de inventários de compositores e composições que fazem do subúrbio da Leopoldina uma cena criativa da maior relevância artística para cidade. Com eles e elas não só se deseja afirmar a posição destacada do subúrbio na criação musical de ontem e de hoje, mas se quer também dar relevância à diversidade de estilos que caracteriza seu universo criativo urbano em seus territórios de acontecimento. Trata-se, sobretudo, da construção de uma cartografia sensível de composições musicais e territórios de celebração de diferentes sujeitos da criação estética do subúrbio carioca.

---

<sup>3</sup> BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. Brasiliense. São Paulo, 1956.



RUA  
PIXINGUINHA  
(MUSICÓLOGO)



# LEOPOLDINA: ROUPA DE VESTIR EM QUALQUER ESTAÇÃO - COMPOSIÇÕES, ENREDOS E RETRATOS

Diogo Cunha

Ana Thereza Andrade



Interior da Estação da Leopoldina. No centro um quiosque que vende de tudo um pouco. Apertando os olhos podemos ver a “Sahida Subúrbios”. Ano: 1942(?). Autor: Augusto Malta. Acervo: MIS-RJ.

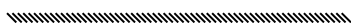
*“É impressionante quando a gente pega os ícones dessa cidade, o subúrbio concentra grande parte desses ícones: o samba de sambar, a maneira de se comportar, a devoção a Nossa Senhora da Penha, as macumbas cariocas, o omoloku”.*

*Luiz Antonio Simas, Historiador*

Assim começa a nossa história ... quando “A Leopoldina virou trem e D. Pedro uma Estação também”. Mas a leitora(o) pode entrar e não precisa corre e corre e nem empurra-empurra. Só fica de olho no paquera e no pingente. Nossa viagem é longa. Última parada é Lucas. A passageira-leitora saltará antes do ponto final? Vai pegar o bonde andando? A gare parece vazia. O locutor anuncia: Atenção senhores passageiros com destino a Estação da Leopoldina.

Tenham todos uma ótima viagem!

## PONTO LEOPOLDINAL:



A gare do Subúrbio da Leopoldina está abarrotada de composições, enredos e retratos da maior responsabilidade. A nossa delegação estava encarregada de encontrar: imagens, lotes, compositores e composições “da antiga”. E, embora, fosse esse o nosso ponto central, ou melhor, Leopoldinal da pesquisa, mas nossa história não é um retrato na parede. Assino e dou fé, que o subúrbio da Leopoldina não é um arquivo morto, mofado e bagunçado. Temos aqui, por exemplo, um álbum com várias retratos, locais, festas, estações de trem e figurinhas carimbadas do subúrbio da Leopoldina.



Banda de música na estação da Penha Circular . Acervo CBTU

Subimos até no “mal-assombrado” castelo da Fiocruz atrás desses retratos. E conseguimos, assustadoramente, mais de 20 imagens. Outras foram possíveis graças a generosidade de várias pessoas em arquivos públicos e particulares. Gastamos muita sola de sapato e a mufa, mas recebemos de mão beijada (depois de muita pesquisa) os arquivos iconográficos: da CBTU, do IBGE, Arquivo Nacional, do Arquivo Público do Estado de São Paulo e da FUNARTE. São fotos “da antiga”, mas alguns novinhas em folha para o leitor.



“Do Mangue invadido por marés / Nasce o nome do lugar...Manguinhos / A ferrovia já cruzava a região / Quando Oswaldo Cruz criou a fundação / Aí começou a ocupação do nosso chão” acervo Fundação Oswaldo Cruz

Colocamos o papo em dia com algumas celebridades (no bom sentido, é claro) do subúrbio da Leopoldina. Sentamos à sombra da tamarineira do Cacique de Ramos com: Bira Presidente e Chope. No Al-Farábi (misto de sebo e cervejaria) passaram a régua e esquadrinharam a Leopoldina com os bambas: Nei Lopes, Luiz Antonio Simas, Silvério Pontes e Zé da Velha. Gritamos “ô de casa” para: Zé Katimba, Moyses Marques e Laudir de Oliveira.



Laudir de Oliveira (em pé com uma criança do colo) ao lado de Bira Presidente ( de terno) em Ramos. Arquivo Laudir de Oliveira.

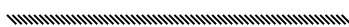
Pelo correio eletrônico chegaram: Tavinho Paes, Juliano Barreto, André Sampaio, Lucas Santana e Hélio Rodriguez. Nesses depoimentos lemos e ouvimos parte da história da zona leopoldinense, como cantou a pedra o historiador Luiz Antonio Simas: “A Cidade é território em disputa! As cidades disputam os territórios o tempo todo. Acho que a Leopoldina tem essa peculiaridade, é muito fluída. A Leopoldina tem um pouco disso, até por uma disputa de imaginário com a ideia do Subúrbio da Central. A música sempre foi um grande testemunho disso na cidade do Rio de Janeiro. E, você não encontra nos cancioneiros cariocas grandes referências à ideia do Subúrbio da Leopoldina. A gente encontra referências muito sólidas ao Subúrbio da Central, mas essa construção de ideia de um Subúrbio da Leopoldina é mais fluída mesmo”.

No nosso certame musical temos mais de 50 composições e pequenas biografias de vários artistas que cantaram seus bairros-estações. Composições que, de alguma forma, retratam o subúrbio da Leopoldina. Escalamos para essa tarefa moradores-autores e também pessoas “de fora” que cantaram o lar leopoldinense. Selecionamos alguns compositores (e compositoras) que, provavelmente, nunca puseram os pés nos locais. Mas, isso pouco importa. Esses autores e suas composições, por vários motivos, também entraram na nossa playlist. Como, por exemplo, “Subúrbios” de Chico Buarque, “Brás de Pina” de Ivan Lins e o “Expresso 2222” de Gilberto Gil:

*Começou a circular o expresso 2222  
Da Central do Brasil  
Que parte direto de Bonsucesso  
Prá depois do ano 2000 (...)*

Temos aqui um três por quatro de corpo inteiro da nossa pesquisa e do subúrbio da Leopoldina.

## QUE BELEZA É O MEU BAIRRO:





O MAESTRO E CLARINETISTA PAULO MOURA, INTEGRANDO DA BATERIA DO G.R.E.S Imperatriz Leopoldinense TOCA TAMBORIM DURANTE O ENSAIO. Instituto Paulo Moura, década de 1990.

Alguns compositores fizeram o “dever de casa” como: Paulo Moura (morador de Ramos) em “Estação Leopoldina”; Zeca Melodia (Parada de Lucas) em “Melodia Não Deixa Parada de Lucas”; o ator cômico Zé Trindade (Olaria) em “O Negócio É Perguntar Pela Maria”; Luiz Carlos da Vila e Luiz Carlos Máximo (ambos da Penha) em “Vila do Meu Coração” e Tavinho Paes” em Bonsucesso ‘68”:

*Lúcio Flávio morava na Roma  
Fernando C.O. lá na New York  
Tavinho era um menino na Bruxelas  
Entre a Londres e a Paris*

*Havia a turma do Melo  
O cinema era o Paraíso  
A favela era a Perereca*

*E eu tocava no baile do Domingo*

*E ninguém tava na Europa  
Não tinha Waterloo  
Era tudo em Bom Sucesso  
Rio de Janeiro 68, América do Sul.*

Tavinho o “menino na Bruxelas” deu detalhes importantíssimos sobre o bairro de Bonsucesso. Vale cada linha: “Havia dois Bonsucessos por lá, divididos pela linha de trem: O Bom Sucesso - que ficava na parte da Praça das Nações, cuja curiosidade é que todas as Avenidas serem nomes de capitais estrangeiras (Roma - onde morava o “passageiro da agonia”, Lúcio Flávio (autor do famoso jargão: “polícia é polícia; bandido é bandido”); Nova Iorque (onde morava outro bandido famoso da época: Fernando C.O.); Paris, Londres, Bruxelas (...) - davam todas na Avenida Brasil. E o Mal Sucesso, que ficava do outro lado da linha do trem (onde eram desovados os assassinados brutalmente pelo Esquadrão da Morte (EM). Era no Largo da Grota, no lado do Mal Sucesso, que, nas rodas de samba, se criou Zeca Pagodinho” .

## FAZENDO ESCOLA:



Uma ala de baianas no trem da Leopoldina com as roupas que “vestem fevereiro”. Acervo MIS-Rio de Janeiro.

Em larga escala foram as escolas de samba, blocos carnavalescos e outros agrupamentos que vestem fevereiro, os que mais cantaram seus bairros. Mas tivemos o cuidado de não cair somente nessa tentação. O que não é uma tarefa simples. Pois muitos desses compositores-moradores (ligados ao chamado mundo samba) cantaram orgulhosamente seus lotes. Entre eles: O Tigre de Bonsucesso em “Bonsucesso - Do Engenho da Pedra aos Dias Atuais, Sempre Evoluindo (2012); Unidos de Manguinhos com “No sonho do carnaval, o mangue virou paraíso, e o Manguinhos afirma: o futuro é aqui” (2003); Unidos de Lucas, “Capela e Aprendiz, o Galo conta a sua história” (1997) e “Imperatriz....só quer mostrar que faz samba também!” (2009):

*Vem curtir bom samba, pode chegar  
Tem batuque de tan tan  
Um cavaquinho a chorar  
Quem é do bairro nasceu com o dom de versar..  
Ramos! Numa fazenda foi que tudo começou  
E sobre trilhos o destino aqui parou  
Na Leopoldina ecoou (...)*



Quadra da Imperatriz Leopoldinense: Cada um dos logradouros do Subúrbio Leopoldina é representado por uma estrela na bandeira da escola. A maior delas simboliza o bairro de Ramos. A partir da década de 1990, a agremiação recebeu, maldosamente, a alcunha de “A Certinha de Ramos”, por causa de seus desfiles irretocáveis. Quadra da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense. Ano: 1972. Autor: Reinaldo Soares. Acervo: Arquivo Nacional.

Vencedor de onze sambas de enredo da agremiação, Zé Katimba resume a sua Imperatriz: “A Imperatriz é um pedaço da minha vida é aqui que eu alimento as minhas energias. É a química perfeita para minhas alegrias e sofrimentos”.

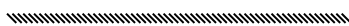
Mas com os novos enredos patrocinados por prefeituras, governos estaduais e até ditaduras brabíssimas, as escolas de samba, aos poucos, vêm jogando para escanteio os enredos sobre seus territórios de vivências. Uma pena! Mais uma vez o historiador Luiz Antônio Sinas assina sobre o assunto: “A escola de samba perdeu muito a referência que ela tinha como espaço de convívio cotidiano, isso parece até inacreditável dizer, mas no universo das escolas de samba, o detalhe era o desfile de carnaval! Já hoje, a escola de samba é voltada, quase que exclusivamente, para o desfile”.

E sabe quem entrou nesse bonde? O funk. Ele começou a ganhar espaço e a cantar o seu lugar: “Rap de Parada de Lucas” de MC Recreio e MC Merenda, “Complexo de Cordovil” de MC Orelha e o “O baile funk tá na Penha” de Mc Smith:

*O baile funk tá na Penha  
Quem, quem vem puxando o bonde é o DJ Lesko  
É nós que tá  
Pois se liga no papo reto, esse é o baile do Chatubão  
Aqui na Penha é várias gatas rebolando até o chão  
Mas todo mundo sabe, aqui na Penha é diferente  
Tem muita harmonia, o baile fica envolvente  
E ainda que é pra ser dito, eu falo pra você(...)*

E é um dos maiores músicos brasileiros Laudir de Oliveira (morador de Ramos) que arremata o tema sem aristas: “O funk quando começou era igual ao axé-music. Era um negócio muito ruim. Mas é bom porque eles chamam as pessoas para a música. Vão fazendo e vão aprendendo. E o funk hoje em dia está maravilhoso. Tem uns funks hoje que eu gosto demais” .

## TIRA GOSTO:



Outro hábito salutar suburbano é a dupla roda de choro e botequins. O Bar da Portuguesa e o Beto's Bar (ambos em Olaria) são dois ótimos exemplos. O Bar da Portuguesa (ainda de pé na rua Custódio Nunes, 155), por exemplo, serviu de locação (no documentário “Saravah” de Pierre Barouh (de 1969) para o encontro de Pixinguinha, Clementina de Jesus e Baden Powell (também morador de Olaria). O Bar fica a poucos passos da estação de Olaria. Fotos de Pixinguinha, uma imagem de São Jorge e camisetas de futebol harmonizam o ambiente. Outro reduto etílico, gourmet e cultural de Olaria era o Beto's Bar, que ficava na esquina das ruas Angélica Mota e Eleutério Mota. Nesse estabelecimento a dupla Zé da Velha e Silvério Pontes tocou todo domingo por mais de quatro anos nos anos 80: “Na frente do Beto's Bar havia um português que tinha uma quitanda. Ele não gostava muito de música brasileira. Para agrada-lo, os músicos tocávamos uns três fados. Ele, feliz da vida, mandava umas cervejas para nós” .

Esse modus operandi suburbano também é lembrado por Moyseis Marques: “Tem uma coisa do Subúrbio que é: se eu tenho uma coca-cola aqui, ela é de todo mundo, sabe?! Tem uma preocupação com o coletivo, que é muito natural! Por mais individualista que o mundo seja, tem uma coisa de não aceitar que alguém vá à sua casa sem tomar uma água, sem tomar um café, sem comer uma coisa e fazer questão de cozinhar a sua própria comida, com a mão! Como se faz nas casas de santo, pelas quais eu tenho muita afeição, como se sabe, né?! Tomar uma cerveja na hora do almoço, o Luiz Carlos da Vila falava isso: não é beber não, é tomar uma cerveja! Você vai tomar uma cerveja e vai comer depois, aí acabou, você vai tomar um café e vai voltar para o trabalho! São hábitos que eu nunca perdi”.

Mas sem choro nem vela. O principal reduto ligado ao gênero no subúrbio da Leopoldina estava na Penha Circular. No bar Santa Terezinha na rua Francisco Ênes. Nas manhãs de domingo, os irmãos Joyr Nascimento (violão sete cordas) e Joel Nascimento (bandolim) juntavam-se a alguns seresteiros locais. Por essa época, o bar Santa Terezinha, ficou conhecido como um reduto de choro autêntico. A partir do ano



de 1969, o barzinho de duas portas ganhou o nome de Sovaco de Cobra, dado pelo seresteiro José Gomes, o Zé Bode. Entre 1969 e 1975 o Sovaco de Cobra passou a ser frequentado também por: Zé da Velha, Rubinho do Pistom, Dino Sete Cordas, Índio do Cavaquinho, Jorginho do Pandeiro e Motinha do Cavaquinho. Cadeira cativa da casa, o músico Abel Ferreira compôs o “Chorinho do Sovaco de Cobra”.



Bar Sovaco de Cobra na Penha Circular. Botando a boca no Trombone o mestre Zé da Velha. Anos 1970. Acervo Zé da Velha.

## A SANTÍSSIMA TRINDADE DA LEOPOLDINA: PRAIA DE RAMOS, FESTA DA PENHA E CACIQUE DE RAMOS

Plantado em 20 de janeiro de 1961, o bloco Cacique de Ramos nasceu no dia de São Sebastião, padroeiro da cidade e consagrado e sincretizado pelos tambores como o orixá Oxóssi. O símbolo do bloco carnavalesco é um autêntico apache pele vermelha dos filmes de Tom Mix. O Cacique já desceu ruas e avenidas com sambas clássicos do carnaval carioca, como, por exemplo; “Água na Boca”, “Vou festejar” e “Chinelo Novo”. No final dos anos 70, na esteira do Cacique de Ramos e à sombra da tamarineira (no mítico endereço da rua Uranos) surgiu o grupo Fundo de Quintal. O mais importante grupo da história do samba carioca.

É Bira Presidente que conta sobre os quintais do Cacique: “Aí veio a parte espiritual! Vem por conta da Mãe Menininha e pelo lado da minha mãe, que foi feita mãe-de-santo pela Mãe Menininha. E, nesse período, a Mãe Menininha falou para minha mãe que nós tínhamos que arrumar uma área que tivesse árvore que desse fruto, e nós encontramos essa aqui que tinha a tamarindeira. Aí foi colocado um preceito ali (na

tamarindeira). A data de aniversário do Cacique é 20 de janeiro, dia de São Sebastião, de Oxóssi. E tem o São Jorge, que é Ogum! Aí começou o nosso trabalho aqui dentro, elevando os nomes dos grandes de outrora, os compositores, os grandes sambistas”.

Muitos e muitas cantaram as noitadas de quarta-feira (hoje domingueira) do Cacique. Era (e ainda é) o “Doce Refugio” de Luiz Carlos da Vila, Beth Carvalho, Arlindo Cruz, o grupo Fundo de Quintal.

*“Sim é o Cacique de Ramos,  
Planta onde, em todos os ramos,  
cantam os passarinhos nas manhãs  
Lá, o samba é alta bandeira  
E até as tamarineiras são da poesia guardiãs (...)”*

A Festa da Penha é lavrada em cartório como a principal identidade da Leopoldina. Noel Rosa, por exemplo, cantou mais a Penha que Vila Isabel. Por isso, o Poeta da Vila, encabeçou várias músicas na nossa playlist como: “Eu agora fiquei mal” e “De qualquer Maneira”:

*“Eu lá na Penha agora vou estifa  
Mas não vou como um cafifa  
Quem foi lá desacatar  
Mas a força falha  
Ele teve um triste fim  
Agredido a navalha  
Na porta de um botequim  
Pra ver a minha santa padroeira  
Eu vou à Penha  
De qualquer maneira (...)”*

Muita gente “de fora” também cantou a Penha: “Festa da Penha” de Cartola e Asobert e o “Baião da Penha” que é de Guio de Moraes e David Nasser, mas fica linda é na voz de Luiz Gonzaga:

*“Demonstrando a minha fé  
Vou subir a Penha a pé  
Para fazer minha oração  
Vou pedir a Padroeira  
Numa prece verdadeira  
Que proteja o meu baião  
Penha, Penha  
Eu vim me ajoelhar Venha, Venha  
Trazer paz para o meu lar”*



Seresteiros-romeiros tocando na Festa da Penha. Uma das manifestações mais vigorosas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Acervo do IBGE.

Conhecida como a “Copacabana do Subúrbio” a Praia de Ramos tirava onda com qualquer praia metida a besta da Zona Sul ou oeste carioca. Era muito comum acontecer na Praia de Ramos a modalidade carnavalesca do banho de mar a fantasia. Sem dúvida um refresco para a rapaziada da Leopoldina. Saindo do mar para areia, tinha a turma dos marombeiros da academia do Waldemar “Sujeira”, os craques no “Medicinobol”, modalidade esportiva que consistia em lançar no muque uma bola pesadíssima – creio que cheia de areia - de couro de um lado para o outro.

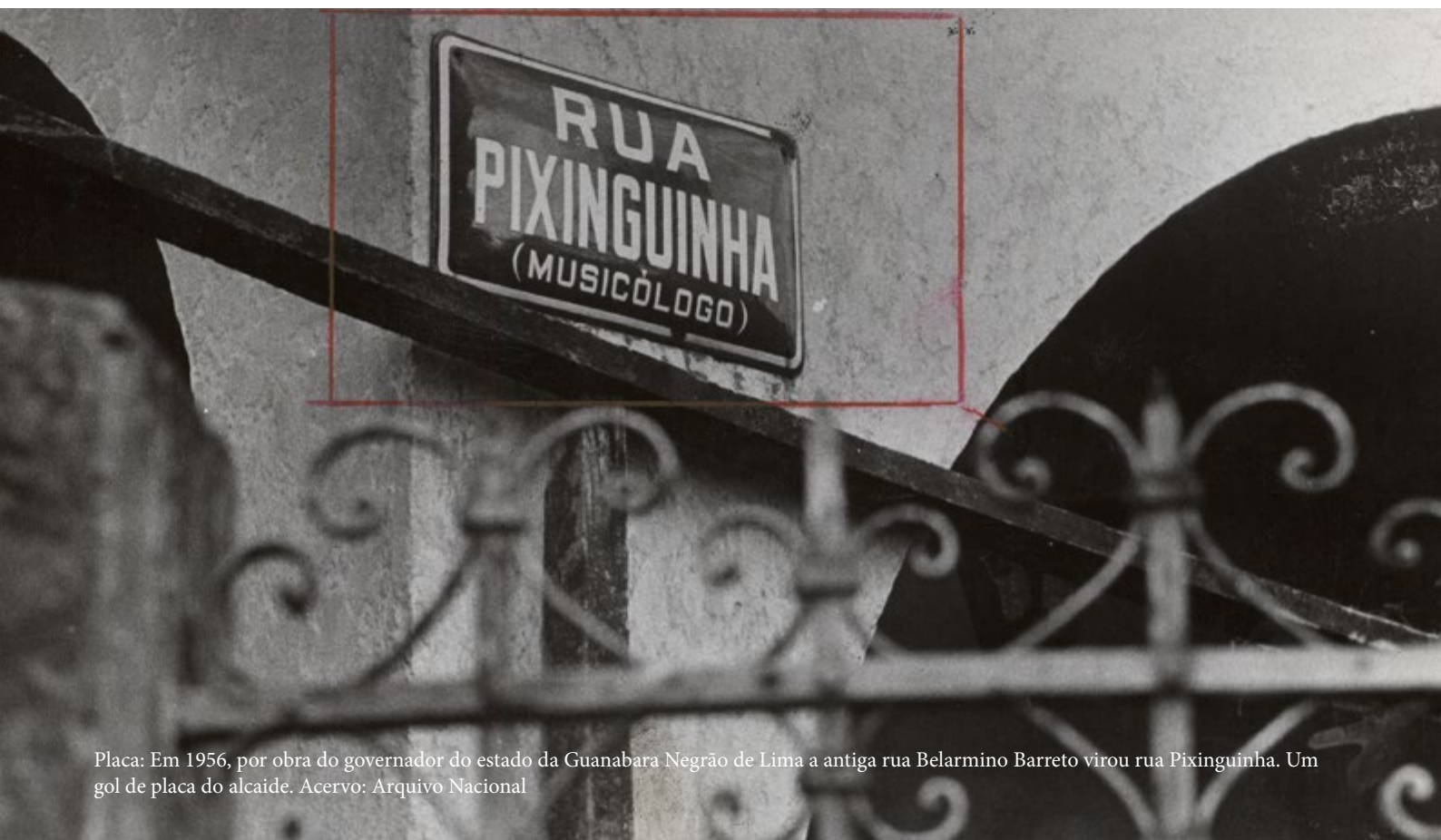
Nos anos 40, o coronel Joaquim Vieira Ferreira, mandachuva do local, com o apoio da prefeitura do Rio de Janeiro, bolou um projeto de urbanização da área. O coronel pretendia transformar o balneário em a “Copacabana do Subúrbio” com cabines, chuveiro, aluguel de roupas e a construção de um cassino. Mas a marinha botou água no chope do coronel. O sambista Dicró cantou a praia de Ramos e empresta seu nome de batismo ao Piscinão de Ramos: Parque Ambiental da Praia de Ramos Carlos Roberto de Oliveira:

*“Domingo de sol  
Adivinha pra onde nós vamos  
Aluguei um caminhão  
Vou levar a família na praia de Ramos (...)*



Foliões fantasiados de Dragão Chinês, Índio Botocudo e Camarão Cinza - na maior água - pulam no Banho de Mar a fantasia na Praia de Ramos. Ano: 1960. Foto: Rodo. Acervo: Arquivo Público de São Paulo.

## QUEM É DO BAIRRO NASCEU COM O DOM DE VERSAR:



Placa: Em 1956, por obra do governador do estado da Guanabara Negrão de Lima a antiga rua Belarmino Barreto virou rua Pixinguinha. Um gol de placa do alcaide. Acervo: Arquivo Nacional

Incluimos também músicas de moradores da zona da Leopoldina. Mesmo que essas não citem os bairros. Mas, que de alguma forma, descrevem sobre o subúrbio. Como “Batuque na Cozinha” de João da Baiana (morador de Ramos), “X-9” de Altamiro Carrinho (morador de Bonsucesso), “Donos das Calçadas” de Guilherme de Brito (Bonsucesso) e Nelson Cavaquinho (Brás de Pina) e “Ainda Me Recordo” de Pixinguinha (morador de Olaria).

Alguns moradores-compositores residiram em mais de um bairro da Leopoldina, como Guilherme de Brito, Mussum e Jackson do Pandeiro. Sobre os dois primeiros falam o cineasta André Sampaio (diretor do documentário “Guilherme de Brito”) e Juliano Barreto (autor da obra “Mussum Forévis: Samba, Mé e Trapalhões”). Sampaio dá a saída: “O Guilherme morava em Bonsucesso, na Praça das Nações entre as Ruas Bruxelas com Nova York, próximo ao Garota de Bonsucesso. O Guilherme gostava do bairro e antes tinha morado na Penha. Dessa casa da Penha é que ele tinha muitas recordações do Nelson Cavaquinho, assim como dos bares da Praça Tiradentes” .

Agora Barreto: “Ele (Mussum) morou nesses bairros (em Parada de Lucas (rua Bucarest 21) e Penha Circular (rua Magé) antes e durante o tempo em que estudava na Fundação Abrigo Cristo Redentor, então foi durante a infância mesmo. Não é possível ser muito preciso pois ele morou lá com a mãe e com a irmã, e hoje nenhuma das duas estão vivas. O Mussum tem 3 discos solo, em que manda “alôs” e “salves” para quase todos os bairros do Subúrbio. De cabeça, não vou saber falar em qual música ele menciona qual bairro, mas o Mussum sempre foi muito orgulhoso de suas origens. Muita gente escreve que ele foi nascido e criado em Mangueira, e ele sempre corrigia, falando que morou em outros bairros e regiões. Mesmo depois de famoso, ele sempre visitava os amigos no Méier, na Penha etc...”. Cacildis!



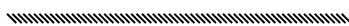
O humorista e sambista Mussum morador de Parada de Lucas e Penha Circular. No México tocando reco-reco durante apresentação dos Originais do Samba . Anos 60. Arquivo da Família.



Jackson do Pandeiro, o “Rei do Ritmo” e Almira. Ano: 1958. Autor: Desconhecido. Acervo: Arquivo Nacional.

Jackson do Pandeiro, o “Rei do Ritmo” morou em Olaria e Brás de Pina. E influenciou gerações posteriores como Moyses Marques (morador da Penha): “Quando eu comecei a cantar samba, tem uma figura que a gente não pode esquecer: Jackson do Pandeiro. O Jackson do Pandeiro foi uma figura muito impactante para mim, é um capítulo especial. Olha só! Aquele suingue do Jackson, aqueles sambas todos que ele gravou. O “Forró na Contramão” tinha já uma tendência da gente de “sambear” das coisas, muito por causa do Jackson do Pandeiro. Na verdade, depois que você vira músico profissional você vê que essas fronteiras são muito menores do que a gente imagina, que a diferença entre o samba e forró está muito mais no ambiente do que na música propriamente”.

## NÃO MORO EM CASA DE CÔMODOS:



Incluimos dois casos no mínimo curiosos. O primeiro de Elton Medeiros, carioca da Glória que morou também na Penha Circular e Brás de Pina. Nesse último bairro fundou a escola de samba Tupy de Brás de Pina. Mais tarde Elton fez parte, sem nunca ter morado no bairro, da ala de compositores da Unidos de Lucas. Mas estava “em casa” quando fez a belíssima “Meu Bairro” sobre Parada de Lucas:

*Verdadeira maravilha é o meu bairro  
Que nos deixa em constante alegria  
Amanhece o sol logo aparece  
Anunciando o romper do dia  
Vendo a linda apoteose que fascina  
Uma sensação estranha nos domina (...)*

A outra história aconteceu com mestre Pixinguinha. Em 1956, por obra do prefeito Negrão de Lima, a antiga rua Belarmino Barreto virou o nome de seu morador mais ilustre rua Pixinguinha. Um gol de placa do alcaide carioca. Laudir, que costumava bater uma bola na rua do Pixinguinha, nos lembra do clima da casa: “Eu lembro de ouvir uma conversa dos velhos, do João da Baiana e do Donga. Eu estava lá, na porta da casa do Pixinguinha, aí eles chegaram falando: ‘A gente veio aqui porque parece

que Pixinguinha inventou um tal de picolé da cachaça.’ Mas cachaça não congela! Eles foram lá para ver e tal picolé, e eu nunca esqueci isso.” Pixinguinha nunca compôs uma música sobre Olaria, mas arranjou logo um hino para o bairro vizinho de Ramos:



*“És capital do subúrbio  
Estação Ramos, Ramos,  
Ramos, Ramos  
Muito amor, beleza e tradição”*

Mestre Pixinguinha, sem medo de errar, o maior músico brasileiro de todos os tempos. Embala suas harmonias e melodias na cadeira de balanço no quintal de sua casa em Olaria. Ano: 1966. Autor: Mendes. Acervo: Arquivo Nacional.

## SEM PERDER A LINHA:



Encontramos duas composições, mas deve haver mais, que descrevem, numa tacada só, quase todos os bairros Leopoldina.

A primeira é “Tem gente com fome” do poeta Solano Trindade:

*(...)*

*De novo a dizer  
De novo a correr*

*Tem gente com fome  
Tem gente com fome  
Tem gente com fome*

*Vigário Geral  
Lucas  
Cordovil  
Brás de Pina  
Penha Circular*

*Estação da Penha  
Olaria  
Ramos  
Bonsucesso  
Carlos Chagas  
Triagem, Mauá*

*Trem sujo da Leopoldina  
Correndo, correndo  
Parece dizer  
Tem gente com fome  
Tem gente com fome  
Tem gente com fome (...)*

*E “Hoje é Domingo” de Nei Lopes e Carlão Elegante (esse morou na Penha):*

*Hoje é Domingo  
É dia de lenha  
É mês de outubro  
Quando me descuido  
Estou na festa da Penha*

*De manhãzinha  
Tomo o trem da Leopoldina  
Vou eu e a minha menina  
De farnel no samburá*

*É Cordovil,  
É Braz de Pina,  
É Circular*

*Devagar se vai a Penha  
Quem desdenha não vai lá (...)*

Para Nei Lopes o motivo de poucas composições sobre a Leopoldina é o seguinte: “Eu acho que os outros subúrbios, as outras estações, bairros da Leopoldina quase não tem músicas porque a Penha absorveu tudo! O Noel Rosa escreveu mais sobre a Penha do que sobre Vila Isabel, então a Penha era um negócio avassalador”.

Mas será que a festa da Penha da conta de toda identidade leopoldinense? Simas sobe os mesmos 382 degraus da escadaria que Nei Lopes e diz: “Acho que a gente pode falar de uma Leopoldina que existe antes da própria Leopoldina, que é a questão da Festa da Penha, pois a Festa da Penha é uma referência daquele tipo de coisa. Então a ‘identidade leopoldinense’ é peculiar, porque tem gente que diz que nem subúrbio seria, seria Zona da Leopoldina”.

Zona ou subúrbio? A Leopoldina parece ter mesmo outro status: “A minha memória mais remota é de uma região com um progresso diferente, uma prosperidade diferente em relação ao restante da Zona Suburbana e da antiga Zona Rural. Agora, por que é diferente? Me ocorre de cara a diferença do meio de transporte: o subúrbio da Central, com os dois ramais mais a linha auxiliar, eram eletrificados; o de Irajá, que era



o Ramal Rio d'Ouro era um trem à vapor, a chamada Maria Fumaça; e o da Leopoldina era um trem a óleo Diesel. E eu dizia: “Pô, Irajá não tá com nada!” Irajá, Coelho Neto, Colégio, isso era um sub-subúrbio. Subúrbio legal é a Leopoldina, tinha outro status” .

E essa identidade subúrbio-Leopoldinense (se de fato existe) é a mesma identidade do carioca descolado, praiano e de “bem” com a vida? Bira Presidente, por exemplo, faz questão de morar (e morrer) no subúrbio: “Quando eu constituí família, eu fui morar na Vila da Penha, porque eu sou suburbano e tenho orgulho de ser suburbano. Eu acredito que só vou sair daqui quando Deus me levar e, assim mesmo, eu quero ser enterrado num lugar do subúrbio”. Eu fui agraciado por Deus! Eu tenho um orgulho tremendo do subúrbio! Eu vou ali (na tamarindeira) pedir a benção, vou lá dentro pedir a benção a São Sebastião, eu tenho que passar aqui. Eu amo o subúrbio! Eu sou suburbano com orgulho”.

Temos aqui, pelo menos, uma pista da alcunha da Leopoldina: “Inicialmente foi construída a Cia E.F. do Norte entre São Francisco Xavier e Piabetá (1886/1888). A E.F Leopoldina teve o seu trecho inicial inaugurado em 1874 e teve um Ramal para Leopoldina aberto em 1877(daí o nome da E.F em homenagem a localidade de Leopoldina). A Leopoldina Railway começou a funcionar no Brasil em 1898 e neste mesmo ano incorporou a E.F do Norte. A E.F. do Norte passou a fazer parte da Linha Tronco Barão de Mauá/Vitória atravessando a “Baixada Fluminense” (posteriormente denominado “Subúrbio da Leopoldina”). Daí concluo que devida a L.R. a região da baixada ganhou esta alcunha” .

Mas se olharmos pela janela lateral do trem assistimos como é longa a fila para pegar RG da Leopoldina. E sem botar a boca no trombone, pois aqui o nosso papo é música. Nem passamos pelo Derby da Leopoldina entre: Bonsucesso e Olaria. E muito menos pelo escrete da Leopoldina Railway: A Leopoldina Railway Athletic Association (L.R.A.A.) ou, melhor, os ‘Ferroviários Leopoldinenses’. Mas nessa peleja a música dá uma goleada no nosso esporte bretão. Com direito a gol de placa no Alçapão da Bariri ou Teixeira de Castro.

Muitos que tiveram sua “carteira de identidade” extraviada ou roubada. Sacaram uma segunda via na Leopoldina. É isso que Simas chama de “instituições associativas de reconstrução e de invenção de identidade, uma coisa típica de cultura de diáspora. A gente tem de lembrar que a diáspora é uma experiência de morte, você tem o Portal do Não-Retorno(tá lá, é um símbolo, é o monumento!), você está saindo do Benin como negro escravizado, você passa simbolicamente por uma experiência de morte! No portal do Não-Retorno você tem talhado em madeira o “Egúngún”, você saiu do mundo dos vivos e entrou no mundo dos mortos”.

Vivinha da Silva a diáspora Leopoldinense levou para Cidade Alta (em virtude de incêndio criminoso) os moradores do morro da Praia do Pinto (Leblon). Cuspindo fogo surgiu a escola de samba Independentes de Cordovil, o “Dragão da Leopoldina”, (ex-Independentes do Leblon). O Bloco do Barriga também entrou nessa viagem para Cordovil, mas saindo do Morro da Babilônia em Copacabana, como conta e canta no samba de 2009, “A Minha Identidade”:

*Quis o destino me levar  
Da Babilônia a Cordovil*

*Mudei de lugar  
Mas estou à vontade  
Pois mantenho  
A minha identidade*

Para não deixar a vaca ir para o brejo. Maranhenses radicados em Parada de Lucas criaram o “Boi de Lucas”. E tem mais. A belíssima sinagoga Ahavat Shalom, em Olaria e você sabe onde foram parar muitos ciganos expulsos da Praça Onze? Em Ramos. Também em Ramos, em 1975, a quadrilha “De Quina prá Cuia de Salão” de Manguinhos foi consagrada tricampeã carioca. Quadrilha essa formada prioritariamente de nordestinos de todos os cantos do Brasil. Eles desembarcaram na antiga Parada do Amorim e trouxeram no matulão suas festes em louvor a São João, São Antônio e São Pedro.

A regra é clara. Parte do RG da Leopoldina é o trem, a Festa da Penha, Praia de Ramos, Cacique de Ramos e um pouco mais. A Leopoldina é também da Imperatriz. Que colocou no seu pavilhão, em 1959, os logradouros da Leopoldina representados por estrelas. É a identidade leopoldinense dando as caras na bandeira da verde, branco e ouro. E sabe qual é o apelido da bateria da escola? Swing da Leopoldina. A Leopoldina é a domingueira do choro de Pixinguinha, Altamiro Carrilho, Joel Nascimento e Zé da Velha. É aboleirada como Elimar Santos; é uma alternativa roqueira em Brás de Pina, é a 120 por hora como Wanderléa em Cordovil.

Esticando as pernas depois de desembarcar no ponto final, percebemos que a paisagem musical leopoldinense é fluída. E é por isso que as estações leopoldinenses vestem tão bem a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Não é possível imaginar essa cidade sem a contribuição dos romeiros da Festa da Penha; das quadrilhas juninas de Manguinhos; dos ex-Independentes do Leblon (hoje, de Cordovil); do Boi de Parada de Lucas e dos Caciques de Ramos. Dos que vieram de longe ou de perto, dos que nasceram e se criaram ali, e os que (re)inventaram sua história na construção dessa paisagem. Como o movimento dos romeiros, o subúrbio da Leopoldina transporta criações e pertencimentos, e transborda como identidade da cidade. Cidade que faz pose de maravilhosa à francesa, porém é delirante e suburbana. Como imaginar uma cidade vigorosa sem....o choro do Sovaco de Cobra na Penha Circular, sem o “Som de Prata” (Moacyr Luz e Paulo César Pinheiro) do embaixador dessa cidade, o velho Pixinguinha:

*“E em samba, choro e serenata  
Como era doce o som de prata, doutor  
Que a flauta tinha  
O embaixador dessa cidade  
Meu Deus do céu, ai que saudade que dá  
Do velho Pixinguinha...”*

Como imaginar uma cidade sem o roquenrol do Subúrbio Alternativo de Brás de Pina e sem o funk do bom e mal sucesso? Afinal de contas foi na Leopoldina que

morou o “Rei do Ritmo”!e você sabe onde foram parar muitos ciganos expulsos da Praça Onze? Em Ramos.



Noel Rosa que perdeu uma dama do Cabaré da Lapa e sentiu saudade de um barracão na Penha. Também “Voltaste novamente pro subúrbio (...) \ Para mostrar ao nosso povo \ Que não há nada de novo \ Lá no Centro da cidade ...”

DEDICAMOS ESTE CAPÍTULO AO  
MÚSICO E COMPOSITOR LAUDIR DE OLIVEIRA

---



# ESTAÇÕES DA LEOPOLDINA: A PAISAGEM MUSICAL DE UM SUBÚRBSIO CARIOCA

**Jorge Luiz Barbosa**

**Alex Armênio de Jesus**

Durante o período 2015/2016 foi realizado o inventário em profundidade de músicos e grupos de música que atuam na região da Leopoldina, tendo como recorte os bairros que se originaram com as estações ferroviárias. Manguinhos, Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha, Penha Circular, Brás de Pina, Cordovil e Parada de Lucas foram revisitados com o propósito de desvelar a cena da produção musical e de seus sujeitos criadores em encontros fruição.

A leitura da paisagem musical na região da Leopoldina implicou, necessariamente, identificar os indivíduos em suas espacialidades de produção e fruição. Para tanto, consideramos os sujeitos criadores no seu envolvimento com gêneros e estilos como apresentação de subjetividades em cenas estéticas compartilhadas, tendo como referência as estações ferroviárias.

## ESTAÇÃO DE RAMOS: ONTEM E HOJE



Na perspectiva aludida, o inventário proposto abrigou entrevistas com 50 grupos musicais para captar vivências da criação e da comunicação estética, além do inventário de espaços públicos, clubes, bares, blocos de carnaval e escolas de samba que fazem da paisagem musical da Leopoldina uma expressão da riqueza cultural da cidade do Rio de Janeiro.

## SOBRE A PAISAGEM MUSICAL



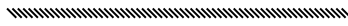
A expressão paisagem é, sem dúvida, uma expressão polissêmica. São diversas suas concepções e usos nas artes visuais (pintura, fotografia, cinema), na literatura, nas ciências (geografia, sociologia, antropologia) e nas técnicas (arquitetura, urbanismo, paisagismo). Não é sem motivo que se pode admitir que a paisagem é uma coleção complexa de imagens visuais, textuais e figurais originadas em modos de apropriação e o uso sensível do mundo. Embora a tradição ocidental reduza a imagem às dimensões da imagética daquilo que é visto - ou seja, sob o predomínio quase absoluto da visão - é possível creditar a imagem outros sentidos, como o faz o filósofo Aristóteles, ao definir a imagem como experiência sonora, gustativa e olfativa, para além do visual.

Nossa intenção é reforçar que a paisagem como uma apropriação sensível do mundo é muito mais complexa do que a concepção que a circunscreve ao domínio da visão. Sons, sabores e aromas também estabelecem nexos entre a representação e a experimentação da existência humana. Assim, nos parece ser possível identificar no constructo das paisagens outras subjetividades em seu contexto de criação e fruição estética e, sobretudo apresentar a diversidade de seus sujeitos de invenção e de sua configuração espaço-temporal.

Para A. Berque (1983), a paisagem é uma marca geográfica, uma vez que é expressão da materialidade de uma sociedade. Todavia, é também uma matriz sociocultural, que participa das concepções, percepções e ações socialmente construídas. A paisagem não é só vista, é também nomeada e apreendida por uma consciência sensível. Portanto, como afirma H. Capel (1973) é a paisagem uma mirada consciente do olhar. Ou seja, com significações escolhidas e valorizadas por uma experiência de apropriação sensível, ou sensibilizada, no processo de produção do espaço social. A paisagem emerge como um conjunto organizado de significados que veicula um conteúdo e possui uma duração de existência. Podemos dizer, a partir dos aportes conceituais abordados, que o visto pode ser também sentido em amplas dimensões abrigadas nesta expressão. Daí, podemos atribuir outras perspectivas de leitura da paisagem, especialmente na direção da complexidade da experiência imagética aludida na seminal obra aristotélica.

Ousamos, então, eleger a música como um dispositivo disparador de paisagens, traduzindo-a como marca geográfica de experiências estéticas e, ao mesmo tempo, fruto/semente da matriz cultural de uma sociedade. A música não só identifica espacialidades de percepção com apoio nas letras, mas também em suas sonoridades rítmicas, uma vez que gravam um acontecer das relações entre sujeitos da criação e sujeitos de fruição. Trata-se, portanto, de um acontecer simbolicamente corporificado e sensivelmente situado no espaço construído. Falamos, então, de uma paisagem criada pela estética musical ao elaborar percepções e vivências promotoras de pertencimentos individuais e coletivos.

# A PAISAGEM MUSICAL DA LEOPOLDINA



Com a pesquisa inventariante foi possível identificar espaços comuns (ruas, praças, estacionamentos) e espaços privados ou associativos abertos ao público (bares, clubes, escolas de samba) que são referências de encontros e celebrações de diferentes gerações de músicos da Leopoldina. É reconhecível, portanto, a existência de múltiplas espacialidades nas quais a produção e a fruição da estética musical se fazem acontecer e que são constantemente atualizadas no subúrbio: das grandes festas religiosas populares da Igreja da Penha aos bailes funks em favelas; dos famosos bares de choro como o Sovaco de Cobra e Bar da Portuguesa aos atuais Meu Kantinho e Bar do Quinto; dos coretos com suas bandas às rodas de hip pop no Viaduto de Manguinhos. Dos saraus em casa de amigos à multiplicidade eventos públicos da Arena Carioca Dicró. Todos estes espaços emblemáticos adentram no imaginário como miradas de reconhecimento de estéticas musicais; portanto de paisagens configuradas por diferentes gêneros e estilos em suas performances de criação e fruição compartilhadas entre criadores e público.

Na Leopoldina podemos encontrar escolas de samba, blocos de carnaval e clubes de que ainda são *marcas geográficas* da cena musical popular, apesar das limitações que atualmente enfrentam na continuidade de sua presença com maior vigor e exuberância nos bairros onde estão localizados e na própria cidade, como o Gato de Bonsucesso, Unidos de Lucas, Bonsucesso Futebol Clube e o Coimbra Esporte Clube na Penha Circular. Todavia, há muitas outras que mantêm sua força de referência no imaginário popular urbano, como o Olaria Atlético Clube, o Cacique de Ramos e a Imperatriz Leopoldinense. Nestes se multiplicam as festas, dos ensaios de carnaval aos bailes mais diversos que animam a cena cultural da Leopoldina, assim como mobilizam artistas e públicos de diferentes lugares da cidade. Não é sem razão que para muitos músicos estes espaços sejam valorizados ao extremo:

*“pra gente tocar aqui é um sonho (cacique de ramos) porque é onde começou o samba, demoramos bastante tempo pra tocar aqui e não é qualquer um que entra.”*

*“...agente pode até não tocar em tanto lugar, mas só de você tocar no Cacique, abre muitas portas.”*

*Andinho – Vocalista do grupo de samba “Voz Ativa”*

A paisagem musical na Leopoldina é composta de cenas diversas, para além de espaços mais formalmente organizados como clubes, blocos de carnaval e escolas de samba. Há cenas inesperadas, como ponto de vans em Bonsucesso que se torna referência de pequenos shows de música com violão e caixa de som. Ou mesmo o estacionamento do BRT de Santa Luzia, em Ramos. Bem perto dali, na Praça das

---

<sup>1</sup> Andinho. Entrevista concedida ao projeto Estações Musicais da Leopoldina do Observatório de Favelas. Rio de Janeiro, 22 jun. 2015.



Foto: Cacique de Ramos

Foto: Olaria Atlético Clube

Nações, jovens se reúnem para a Roda Cultural de Hip Hop. Na Praça Marechal Maurício Cardoso, em Olaria, e no largo da Avenida Lobo Junior, na Penha Circular, o Bloco Carnavalesco Beijo na Boca pode surgir com sua bateria e componentes para um ensaio de seu desfile para o Carnaval. Assim como os encontros de funk e hip hop emergem na área externa da Biblioteca Parque de Manguinhos. Usos inesperados são inventados e organizados para desobedecer a funções hegemônicas da ordem urbana. E, não mais do que de repente, se tornam disparadores da configuração da paisagem musical ao celebrar invenções de usos corporificados, mesmo que sejam marcados pela efemeridade de seus atos.



Foto: Roda Cultural na área externa da Biblioteca de Manguinhos





## RODA CULTURAL DE BONSUCESSO: IMPRIMENDO A MARCA NA PAISAGEM



Fonte: Facebook Roda Cultural de Bonsucesso - RCB

Nas apropriações inesperadas de espaços, a paisagem musical começa a ganhar suas configurações no ato de estender a *lona para tomar conta* de ruas, praças, esquinas e calçadas<sup>2</sup>. Demarcado o espaço de celebração, convoca-se o público para fruição. Os eventos acontecem reunindo músicos, amigos, convidados (via “redes sociais”) e passantes. Em muitas delas, devido a sua presença mais constante, sobretudo nas noites de sextas e nos dias de final de semana, um pequeno comércio surge em seu entorno. Churrasquinhos e cervejas ampliam os sabores do encontro com músicos e músicas. Reafirma-se a tradição da cena musical do subúrbio, outrora acontecida na

---

<sup>2</sup> Toldos de lona servem para cobertura de músicos, instrumentos e equipamentos, funcionando como verdadeiros palcos, mas também demarcam o acontecer da cena musical em praças, ruas e calçadas.

qual os quiosques e os coretos animavam a vida cultural pública dos bairros, apesar das interdições limitantes da regulação de espaços públicos por parte da Prefeitura:

*“a gente botou uma estrutura legal, iluminação, botou som legal pra ajudar os músicos, tudo escrito, tudo legalizado diante da lei que a prefeitura passou pra gente, ninguém avisou nada que precisava fazer outras coisas, até porque acho que não tinha necessidade por se tratar de um local público, a gente pode fazer tudo tranquilo”.*

*(Músico de grupo de Samba)*



Churrasco, cerveja e música ao redor da Estação de BRT em Bonsucesso

Apesar das limitações do ordenamento urbano (econômico, administrativo e jurídico), os encontros de criação e fruição musical em praças, ruas e estacionamentos passaram a ser identificados como “ali acontece”, uma localização de tempo-espaço reconhecida pelos moradores dos bairros e pelos seus frequentadores mais ou menos assíduos. Há sempre uma expectativa que vai rolar uma parada, para músicos e público. E tanto pode ser um evento patrocinado por meio de projetos com apoio governamental, ou por amigos que se encontram para tocar pelo prazer de estarem juntos, a exemplo do grupo que toca e canta pagodes na calçada da Estação de Trem de Bonsucesso:

*(...) aqui não tem nada especial não, é só pra brincar, é só pra esquecer um pouco dos problemas e relaxar um pouco; não tem artista aqui não (risos)”*

Erick – um dos músicos presentes na roda de samba em Bonsucesso<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Erick. Entrevista concedida ao projeto Estações Musicais da Leopoldina do Observatório de Favelas. Rio de Janeiro, 15 mai. 2015.

*(..) pô, trabalhamos a semana toda, a gente merece né?! ”*

Felipe – um dos músicos presentes na roda de samba em Bonsucesso<sup>4</sup>



Grupo de Pagode na Calçada da Estação de Bonsucesso

As marcações de pertencimento são visíveis. Seja pelo gênero musical que marca sua presença na sua reverberação de sonoridades, seja pelas gestualidades envolvidas nas performances ou mesmo pelo modo de vestir. A paisagem musical da Leopoldina é uma expressividade de sons musicais, ritmos gestuais, cores e corporeidades criadoras de estilos de ser-no-mundo.



Lonas abrigando encontros e inaugurando paisagens musicais – Roda de Samba de Olaria.

Na paisagem musical da Leopoldina a notória presença do samba ganha companhia da vibração do funk. Como destacado fenômeno da indústria cultural popular, os bailes funk se expandiram e se consolidaram em quadras de futebol de praças públicas, em blocos de carnaval e em escolas de samba em diferentes bairros. Assim como as rodas de hip hop exprimem suas batalhas em fluxos itinerantes por viadutos, praças e esquinas. Todas essas vibrações rítmicas disparam a construção de paisagens pelo subúrbio ao aumentar o volume do som:

*Ponto de partida zona norte para o mundo  
Filho de Luzia e Flávio criado pelo subúrbio aonde é melhor se fazer de  
surdo, cego e mudo  
Conceito é respeito, a falta disso é um absurdo*

---

<sup>4</sup> Felipe. Entrevista concedida ao projeto Estações Musicais da Leopoldina do Observatório de Favelas. Rio de Janeiro, 15 mai. 2015.

*Eu absorvo conteúdo pra um dia descansar.  
Noites que não durmo a mente não quer calar  
Não sei por que me culpo de nada tá no lugar  
Tudo tem o seu propósito vamos ver onde vai dar!  
Aumentei o volume e como de costume passo a passo com meus braços.*

*(Do subúrbio para o mundo. Autor Saci)*

A composição complexa do estilo não é apenas particular aos jovens vinculados ao Hip Hop e ao Funk. É também visível na potente cena de rock da Leopoldina. Músicos ligados ao Rock da paisagem musical da Leopoldina marcam seus pertencimentos em roupas pretas, camisas de bandas de rock mais famosas, cabelos compridos, tênis, anéis, cordões, tatuagens. O “ser roqueiro” é fazer parte de um conjunto de signos narrativos de uma estética corpórea e não exclusivamente ao gênero musical. As preferências de marcações musicais de Rock (Heavy Metal e Punk Rock, notadamente) são enunciadoras de posições e visões de mundo, reverberando em seus próprios repertórios e os das bandas admiradas. São notáveis os ícones do gênero e de irreverência estampados em camisas (Iron Maiden, Slipknot, Black Sabbath, Legião Urbana, Che Guevara e Seu Madruga), assim como as marcações em medalhas e em tatuagens misturando símbolos religiosos e satânicos na forma de cruzes, de pentagramas, caveiras (...) e do número 666. Há, portanto, um registro de códigos universalizados, porém reinventados e retraduzidos nas condições sociais da Leopoldina.

*O pobre nunca come com talheres de prata, leva a vida inteira na intenção da mesa farta, mas a dificuldade gera impossibilidade. O que move o pobre então? A esperança no coração ou a necessidade?*

*Música: Cadê o Sol – Autor: Claudio Coelho Lins  
– Banda de Rock Arte Súbita.*



Cena de Rock na Leopoldina

Em se tratando da cena Rock vale o destaque especial para o subúrbio Alternativo, bar em Brás de Pina que se tornou uma das mais importantes referências do gênero na cidade:

*“o Subúrbio Alternativo virou um espaço que é uma referência, todas as bandas querem tocar aqui, porque você chega aqui e tem um som de qualidade, ninguém paga pra entrar...”*

*“...Aqui você já encontra tudo é só trazer baixo, guitarra é só chegar e fazer Rock n’ Roll que é o mais importante”*

*Wagner Ignacio – Baterista da banda Making Noise  
– Banda de Rock em Brás de Pina<sup>5</sup>*



Foto: Subúrbio Alternativo

Embora os *estilos de composição* sejam diferentes e se façam distintos em suas marcas geográficas de acontecimento, é possível identificar encontros plurais de convivência. Em Olaria, jovens integrantes de grupos de samba e pagode se organizaram e realizaram um evento na Praça Marechal Mauricio Cardoso, reunindo músicos e DJs de outros gêneros para animar a lona. Neste, e em outros casos semelhantes, é possível identificar esses encontros como disparadores de compartilhamento da produção de cenas musicais, superando fronteiras fixas de identidade de músicos e espacialidades próprias a determinados estilos e gêneros.

---

<sup>5</sup> Wagner Ignacio. Entrevista concedida ao projeto Estações Musicais da Leopoldina do Observatório de Favelas. Rio de Janeiro, 14 jun. 2015.



Bares & ruas: marca da paisagem musical da Leopoldina.

Um aspecto importante da composição da paisagem musical é que esta não está inteiramente dominada pela ideia da cultura como espetáculo de consumo, construindo suas possibilidades de acontecer como evento social compartilhado. Segundo Santos (2006), o evento é um instante do tempo em um ponto específico, não há evento sem atores sociais, portanto configurando como obra da ação humana. Sendo assim, o evento requer uma organização e uma duração, como se fosse um momento único e não repetível, só possível pela reunião de intenções daqueles sujeitos que o anima.

O conceito de evento de Milton Santos indica que encontros em praças, bares e outros locais, onde sujeitos criadores e públicos se reúnem, são distintos dos “espetáculos” promovidos em clubes, casas de show e escolas de samba, onde a relação dos participantes da cena é feita à distância, sobretudo para os que se tornam uma audiência de consumidores. Os espetáculos nesses espaços são ações objetivas com finalidade de lucro, determinando a relação como negociação entre detentores do espaço e músicos como um mercado, geralmente precarizado para o artista. Nessa condição, os músicos não atuam como produtores de si mesmos e sua sinergia com o público é limitada. Não se pode negar, entretanto, que espaços de *espetáculos de consumo* sejam entendidos como *janelas de projeção da carreira* para artistas locais, iniciantes ou não.

*“o contratante vem, não estabelece muito, ele quer a casa cheia...”*

*“... falta mais interatividade entre o contratante e o artista.”*

*Dan Gonçalves – Trabalha com música ao vivo em bares e restaurantes<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup> Dan Gonçalves. Entrevista concedida ao projeto Estações Musicais da Leopoldina do Observatório de Favelas. Rio de Janeiro, 24 jul. 2015.

Podemos dizer, então, que a paisagem musical no seu sentido de apropriação sensível do mundo encontra seu significado mais pleno na qualidade de um evento social compartilhado, por meio do qual os artistas profissionais, ou não, fazem a si mesmos em seus gêneros e estilos na tessitura com o público. Trata-se, portanto, da construção permanente de uma comunidade de reconhecimento socioculturais, sejam estes laços mais duradouros, ou efêmeros, de pertencimentos, mas que operam como dispositivos que fazem suas marcas geográficas, verdadeiras *estações musicais* por onde trafegam as matrizes culturais da riqueza do subúrbio da Leopoldina.



Ensaio do Bloco Carnavalesco Beijo na Boca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Os músicos da Leopoldina se diferenciam por gêneros musicais e estilos, estes estão associados a um conjunto de significados que permitem expressar suas subjetividades e construir suas identidades como sujeitos no mundo da vida. Suas estratégias para exercerem a atividade artística pautam suas posições de apropriação e uso de espaços em configurações diversas que exigem estratégias particulares e geram novas representações sobre o evento, sobre si mesmos e o público.

A maioria dos músicos entrevistados exerce outra atividade econômica ou percebem seus empregos formais como suas verdadeiras fontes de renda, fazendo com que a atividade musical seja profissional no sentido de um compromisso artístico, mas secundária (como composição de renda), amadora (por lazer, diversão), afirmativa (como expressão de suas identidades, paixões e crenças) e de pertencimento sociopolítico (motivada por uma causa, ou por afirmação de formas estéticas de apresentação de si e das contradições sociais percebidas).

Nesse sentido, viver de música é algo muito difícil para a maioria dos entrevistados, uma vez que nem sempre o seu estilo musical está associado às demandas de serviços musicais pelas casas de show, clubes, bares ou produtores locais. Quando isso acontece, as condições dos sujeitos na cena musical da Leopoldina mudam radicalmente e eles

se deparam com relações sociais que exigem condições nem sempre favoráveis para realizar suas atividades artísticas com criatividade e liberdade de repertórios, acrescidos de contratos precarizados em termos de remuneração e reconhecimento profissional.

Fazer música, atingir projeção profissional com a música, produzir e promover eventos, utilizar novos espaços como possibilidades de afirmação profissional, fazer o registro autoral e ainda empenhar-se na construção de uma estética que o valorize artista e não apenas como executores de músicas das “paradas de sucesso”, são desafios que todos os artistas individuais e bandas musicais possuem na cena musical em estudo. Por outro lado, cada grupo de músicos possui, em seus gêneros e estilos, saberes valiosos para enfrentar as dificuldades do “fazer arte” na cidade e, ao mesmo tempo, se apresentam como expressão da riqueza da produção e da fruição estética da paisagem musical urbana no contemporâneo. As estações musicais da Leopoldina na sua pluralidade criativa de atualização de gêneros e invenção de estilos são, sem menor sombra de dúvida, marcações de referência para formulação e execução de políticas públicas, a partir de estéticas singulares, da cultura musical da metrópole do Rio de Janeiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. L. e DIAS, C. G. (org). Solos Culturais. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro / Petrobras/ Observatório de Favelas, 2013.

BARBOSA, J. L. Cidade e Território: desafios da reinvenção política do espaço público. In Silva, Jaílson Souza; Barbosa, Jorge Luiz; Faustini, Marcos. O Novo Carioca. Rio de Janeiro: Mórula, 2012.

BERQUE, Augustin. Les Raisons du Paysage. Paris: Hagan, 1995.

CAPEL, Horácio. Percepción del médio y comportamiento geográfico. Revista de Geografia. Barcelona. Universidade de Barcelona, vol. VII, nº 1, 1973.

HALL, Stuart. A identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da Sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.



# FICHA TÉCNICA

## **Coordenação Geral**

Jorge Luis Barbosa

## **Coordenação Executiva**

Monique Bezerra da Silva

## **Pesquisa (Coordenação)**

Diogo Cunha

Alex Armenio

## **Pesquisa (Assistente)**

Ana Thereza e Marcelle Bezerra

## **Direitos Autorais**

André Accioly

## **Curadoria**

Marcelo Yuka

## **Identidade Visual e Site**

Eduardo Vilar | Agência Abacateiro

## **Bolsistas**

Eduardo Domar

Tahiza Medeiros

Alice Rodrigues

## **Assistente de Produção**

Samantha Oliveira

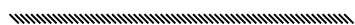
## **Edição e Imagem**

Renata Barros

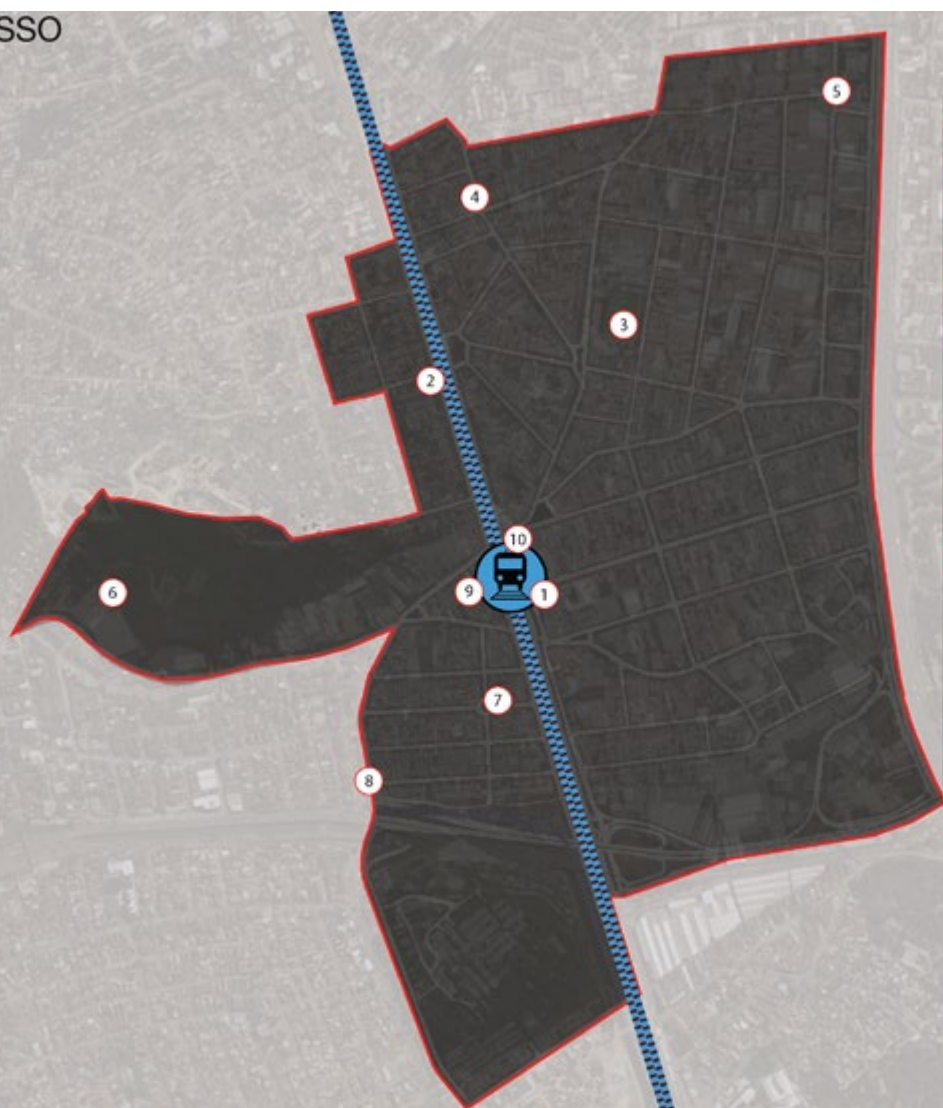
## **Mapas**

Lino Teixeira

# MAPAS



## BONSUCESSO



- 2 GRES: Gato de Bonsucesso
  - 3 Desfiles Gato de Bonsucesso
  - 4 Bonsucesso Futebol Clube
  - 5 Roda Cultural Bonsucesso
  - 6 Escola de Samba Paraíso da Alvorada
  - 7 Escola de Música Studio RJ
  - 8 Gravação do disco "Jasmin"
  - 9 Estação BRT Santa Luzia
  - 10 Pagode dos Amigos
- Chaparral
- PESSOAS
- Guilherme de Brito (Bar São Jorge)
- Altamiro Carrilho

# BONSUCESSO



- 2 GRES: Gato de Bonsucesso
  - 3 Desfiles Gato de Bonsucesso
  - 4 Bonsucesso Futebol Clube
  - 5 Roda Cultural Bonsucesso
  - 6 Escola de Samba Paraíso da Alvorada
  - 7 Escola de Música Studio RJ
  - 8 Gravação do disco "Jasmin"
  - 9 Estação BRT Santa Luzia
  - 10 Pagode dos Amigos
- Chaparral
- PESSOAS
- Guilherme de Brito (Bar São Jorge)
- Altamiro Carrilho

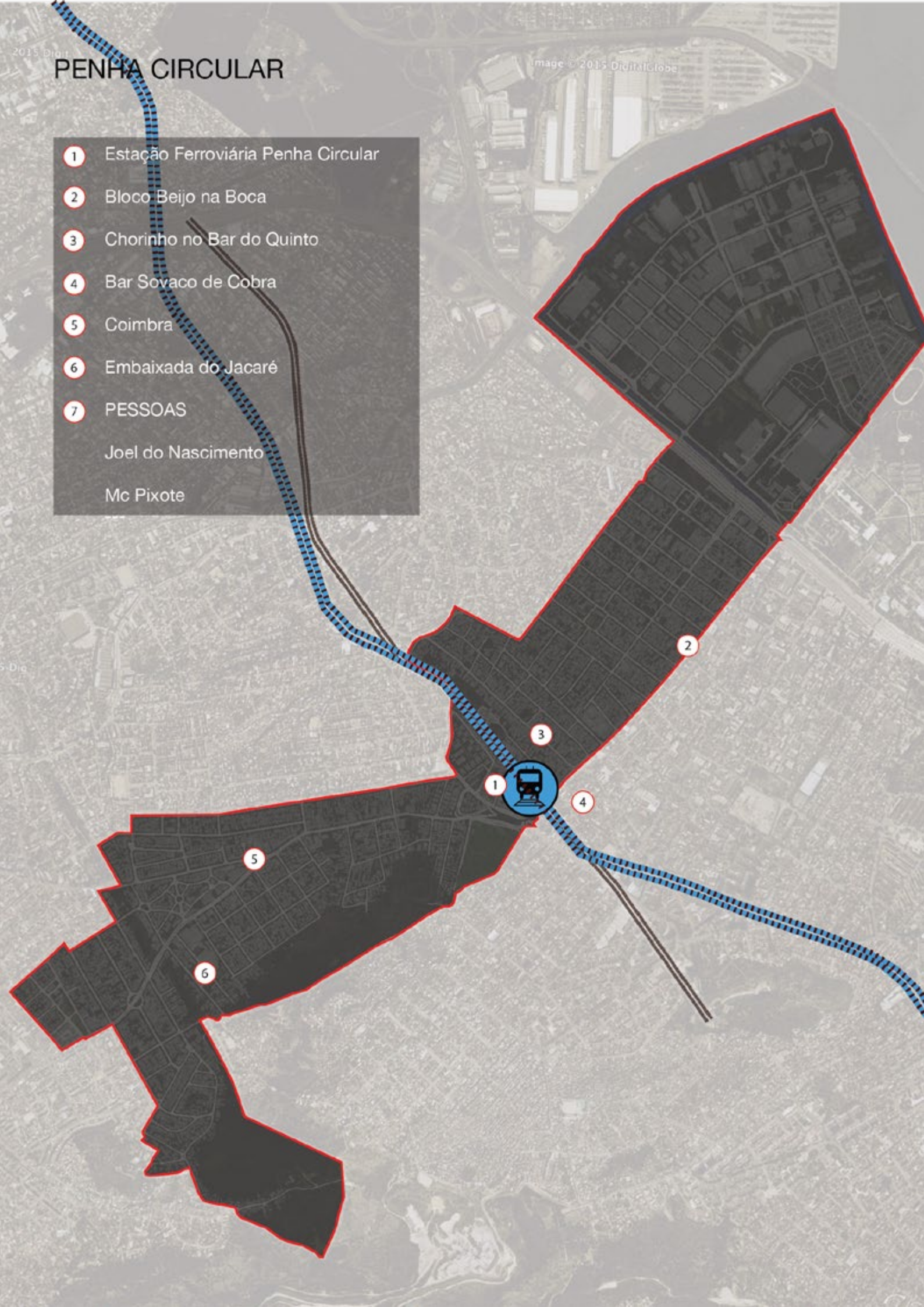
# CORDOVIL

- 1 Estação Ferroviária Cordovil
  - 2 Baile Charme do Titoca
  - 3 Centro Cultural Casa do Artista Independente
  - 4 Bloco Nunca Mais Eu Bebo Ontem
  - 5 Bloco do Barriga
  - 6 Escola de Samba Independentes de Cordovil
  - 7 Gafieira O Centrinho
- Bloco do Barriga
- E.S. Independentes de Cordovil
- PESSOAS
- Wanderleia



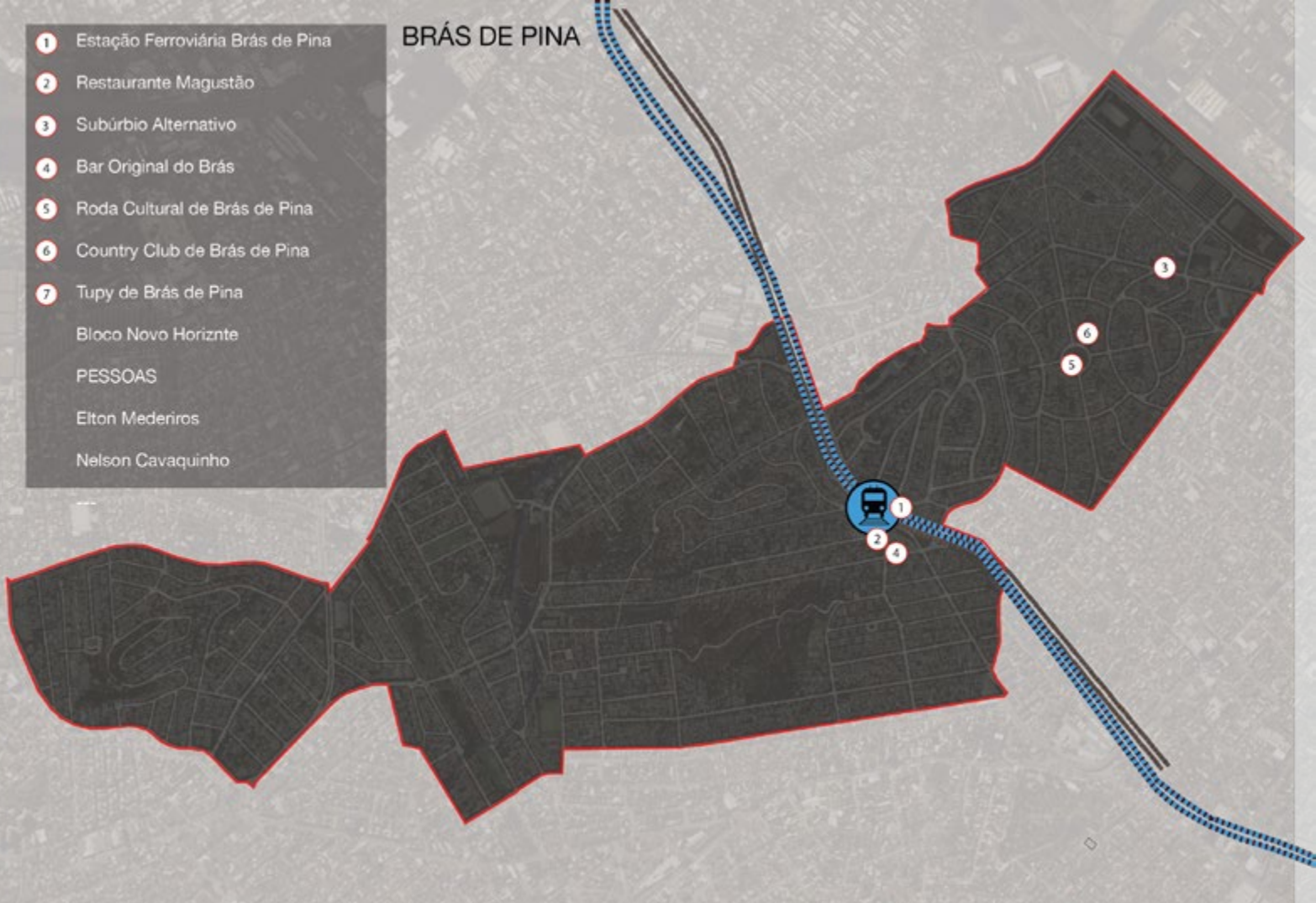
# PENHA CIRCULAR

- 1 Estação Ferroviária Penha Circular
  - 2 Bloco Beijo na Boca
  - 3 Chorinho no Bar do Quinto
  - 4 Bar Sovaco de Cobra
  - 5 Coimbra
  - 6 Embaixada do Jacaré
  - 7 PESSOAS
- Joel do Nascimento  
Mc Pixote



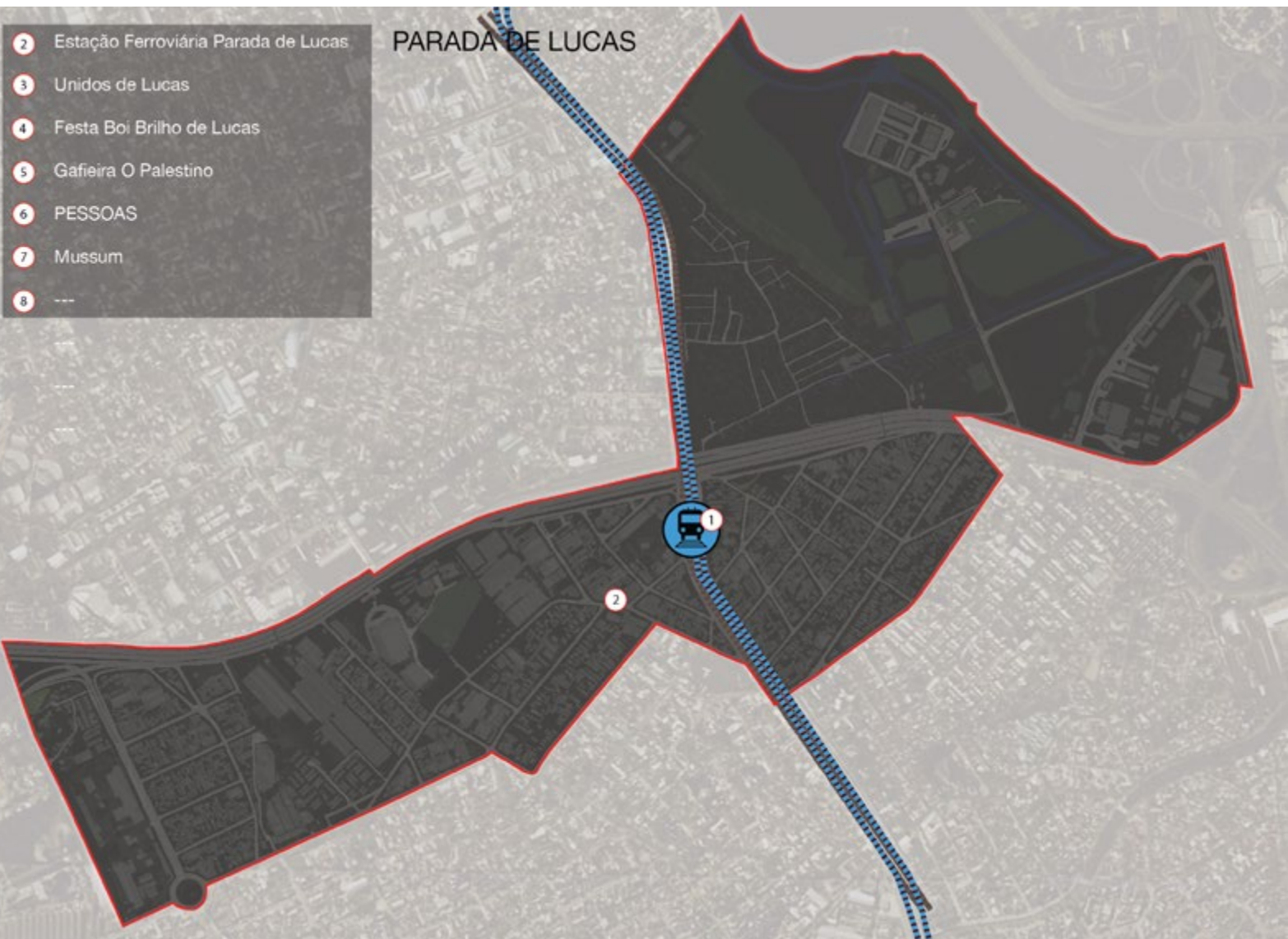
## BRÁS DE PINA

- 1 Estação Ferroviária Brás de Pina
- 2 Restaurante Magustão
- 3 Subúrbio Alternativo
- 4 Bar Original do Brás
- 5 Roda Cultural de Brás de Pina
- 6 Country Club de Brás de Pina
- 7 Tupy de Brás de Pina
- Bloco Novo Horizonte
- PESSOAS
- Elton Medeiros
- Nelson Cavaquinho



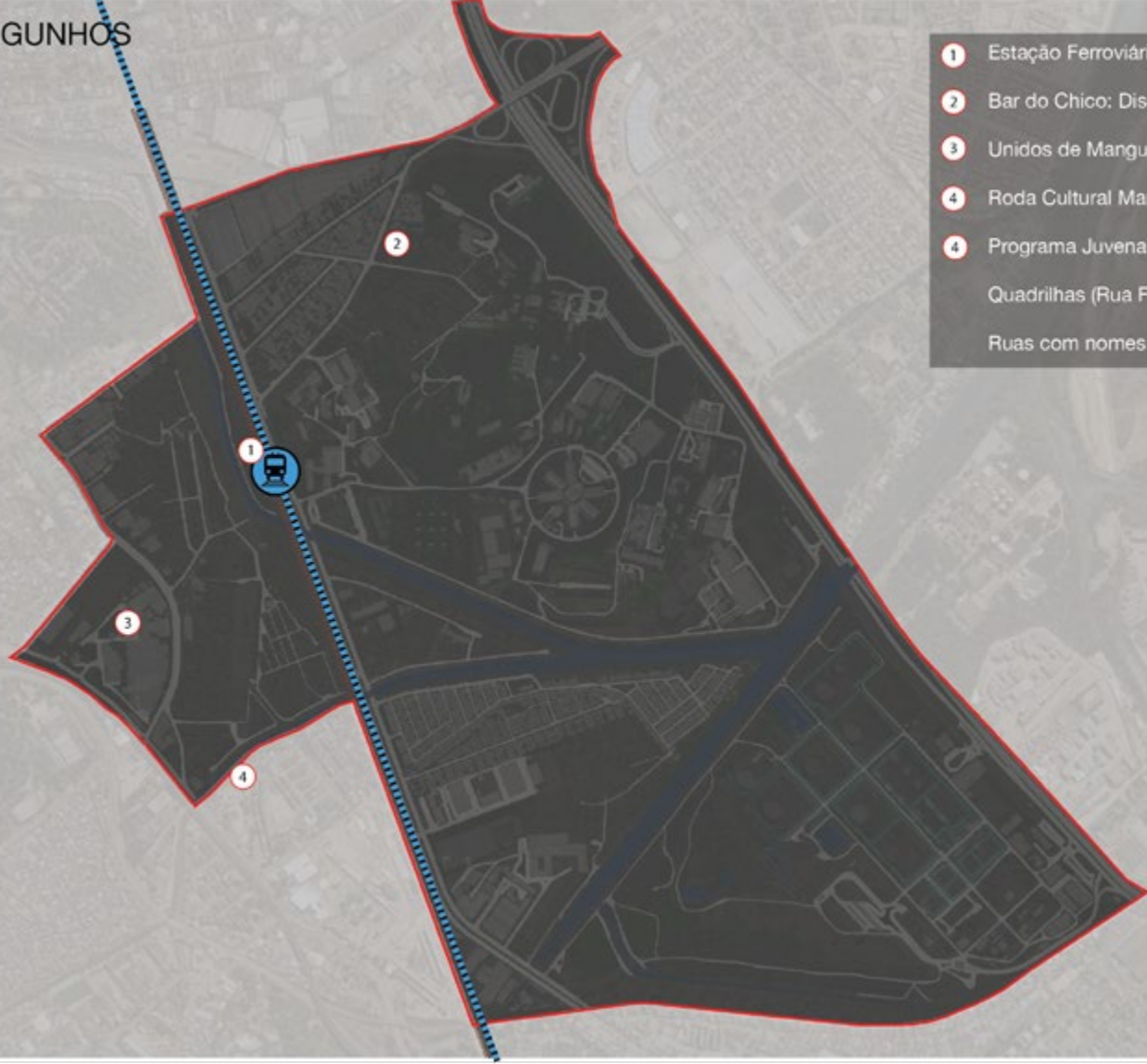
## PARADA DE LUCAS

- 2 Estação Ferroviária Parada de Lucas
- 3 Unidos de Lucas
- 4 Festa Boi Brilho de Lucas
- 5 Gafieira O Palestino
- 6 PESSOAS
- 7 Mussum
- 8 ---



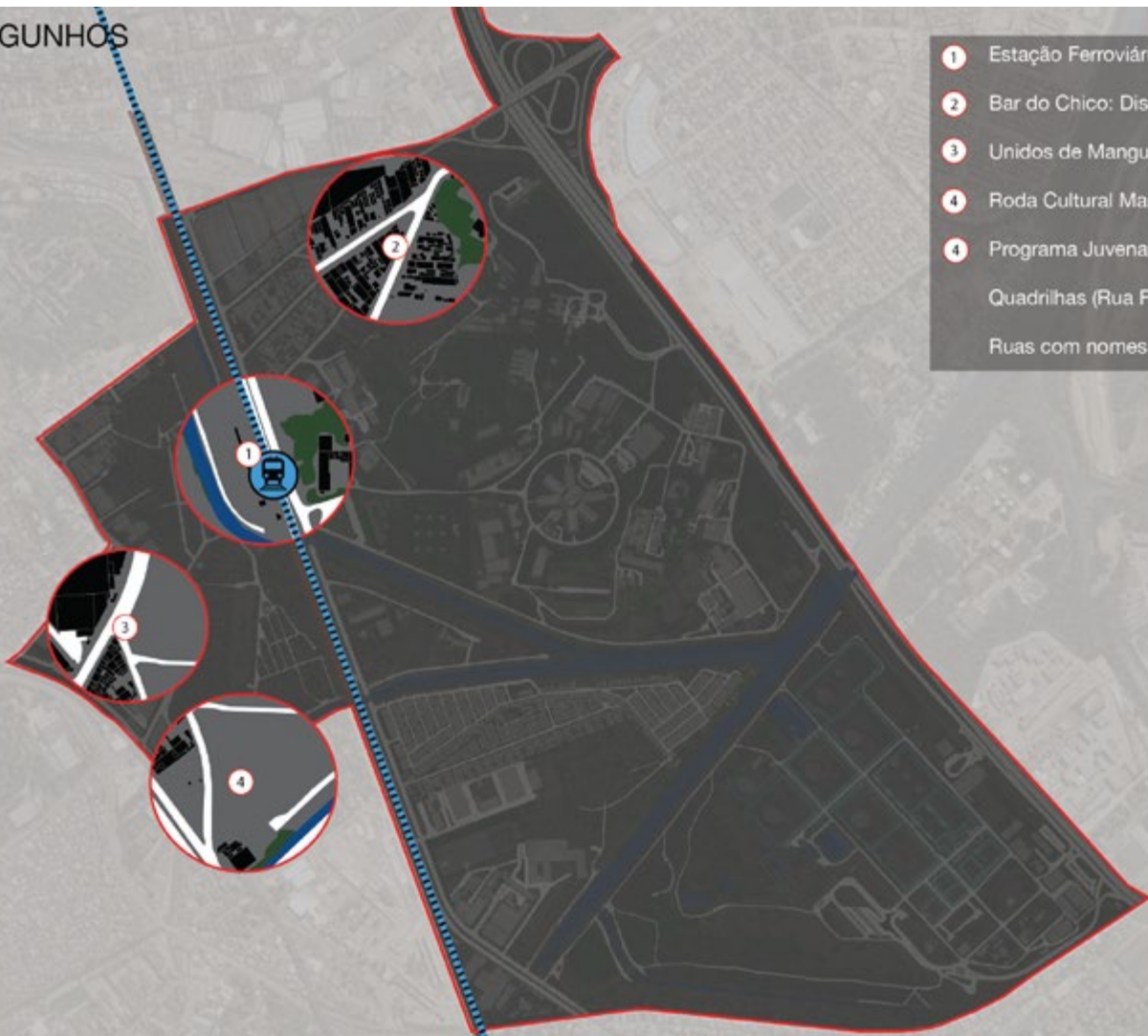
# MANGUNHOS

- 1 Estação Ferroviária
- 2 Bar do Chico: Discípulos de Oswaldo
- 3 Unidos de Manguinhos
- 4 Roda Cultural Manguinhos
- 4 Programa Juvenil
- Quadrilhas (Rua Fiscal Monteiro)
- Ruas com nomes de compositores



# MANGUNHOS

- 1 Estação Ferroviária
- 2 Bar do Chico: Discípulos de Oswaldo
- 3 Unidos de Manguinhos
- 4 Roda Cultural Manguinhos
- 4 Programa Juvenil
- Quadrilhas (Rua Fiscal Monteiro)
- Ruas com nomes de compositores



## OLARIA

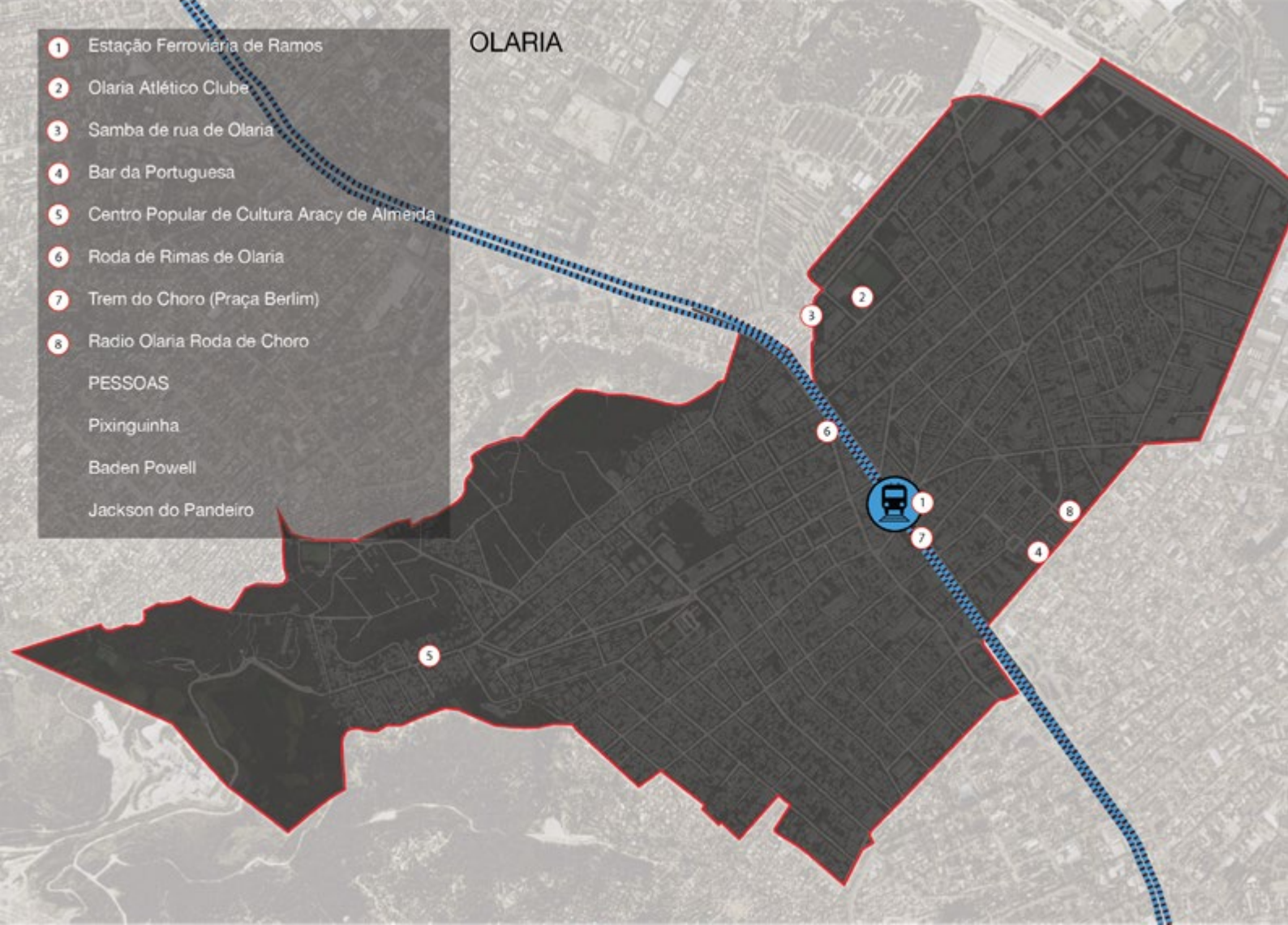
- 1 Estação Ferroviária de Ramos
- 2 Olaria Atlético Clube
- 3 Samba de rua de Olaria
- 4 Bar da Portuguesa
- 5 Centro Popular de Cultura Aracy de Almeida
- 6 Roda de Rimas de Olaria
- 7 Trem do Choro (Praça Berlim)
- 8 Radio Olaria Roda de Choro

### PESSOAS

Pixinguinha

Baden Powell

Jackson do Pandeiro



## PENHA

- 1 Estação Ferroviária da Penha
- 2 Arena Carioca Dicró
- 4 Meu Kantinho
- 5 Igreja da Penha
- 6 Acadêmicos da Penha
- 7 Bloco Aymoré
- 8 PESSOAS

Noel Rosa

Mauricio Carrilho

Luiz Carlos da Vila



# RAMOS

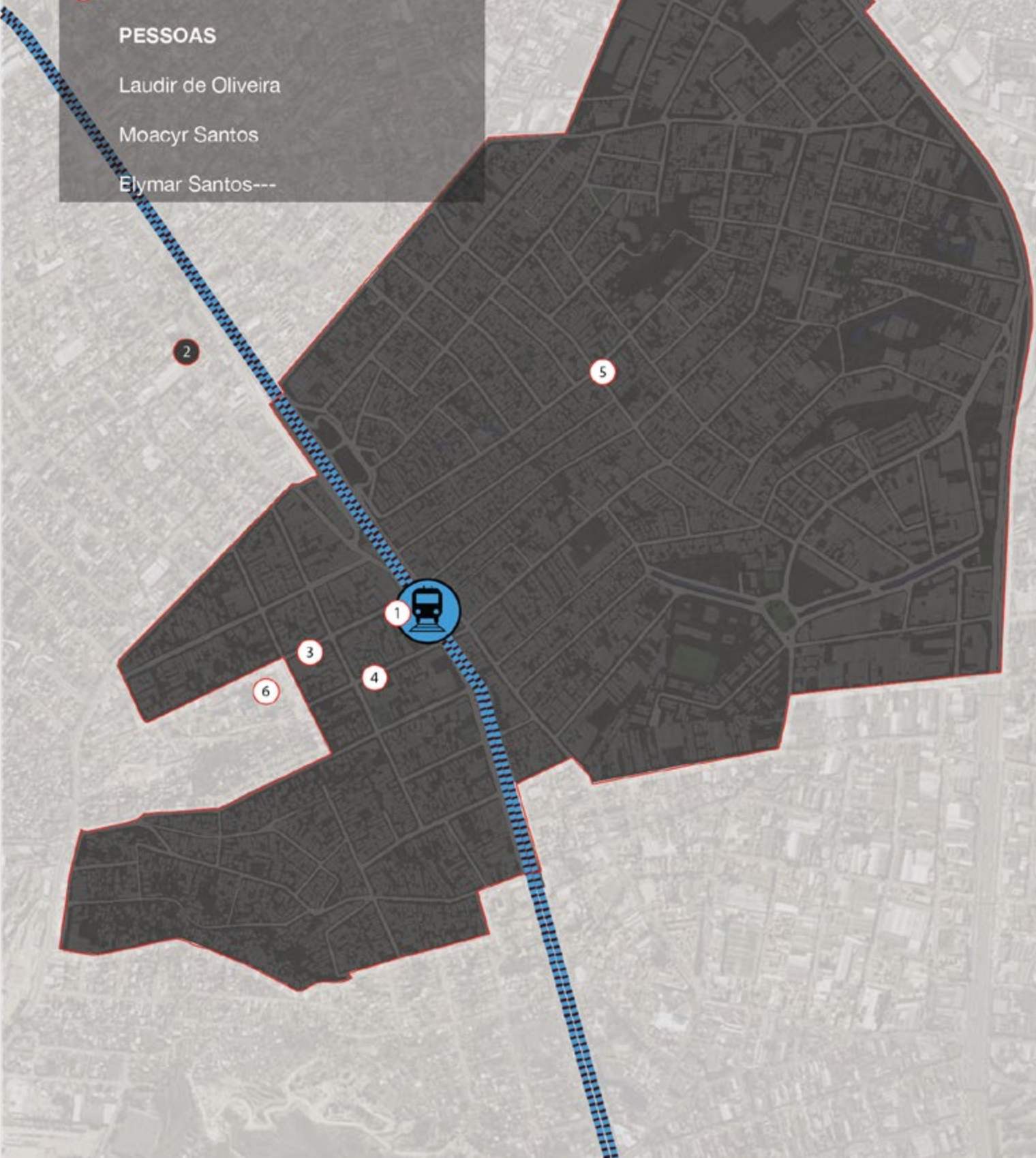
- 1 Estação Ferroviária de Ramos
- 2 Cacique de Ramos
- 3 Imperatriz Leopoldinense
- 4 Social Ramos Clube
- 5 Local de desfile de blocos
- 6 Praia de Ramos
- 9 Piscinão (Dicró no Piscinão)

## PESSOAS

Laudir de Oliveira

Moacyr Santos

Elymar Santos---





# FOTOS























# ESTAÇÕES MUSICAS

